**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

Autogestão e Geografia: os territórios no viés das resistências

**Renata Ferreira da Silveira
São Paulo – 2011**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

Autogestão e Geografia: os territórios no viés das resistências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Geografia Humana.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof.^a Dr^a Valéria de MarcoS

**Renata Ferreira da Silveira
São Paulo – 2011**

RENATA FERREIRA DA SILVEIRA

Autogestão e Geografia: os territórios no viés das resistências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Geografia Humana.

Área de concentração: Geografia Humana

Aprovada em :

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À Aline e tudo que ela representa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, às milhares de pessoas que pagam seus impostos e, com isso, financiaram esta pesquisa. Espero, mais do que tudo, que traga frutos.

Agradeço também a todos os coletivos e organizações libertárias que não se entregaram e que conseguem resistir neste mundo onde a liberdade, a autonomia e a solidariedade são controladas por poucos. "Não tá morto quem peleia!" E, evidentemente, ao Utopia e Luta por representar esta resistência cotidiana e sofrida, mas recompensadora de utopias e lutas.

A todos meus amigos de São Paulo que nos dois anos que passei pela terra da garoa, sempre me mostraram o tempo bom e a alegria, nas rodas de pagode improvisadas com baldes, no samba da PUC, nos cafés da USP. Em especial ao Pedrinho por me acolher no B-103 do CRUSP e por ser este amigo da vida toda. Ao Paulão e a Carol por milhares de motivos – e o Paulão que ajudou a me colocar nesta barca, graças aos seus "conselhos", ao Xavier, ao Tarzan, ao Tiaguinho, à Renatinha, à Floresta, a todo o povo da PUC e da USP e tantos outros amigos que fiz fora da universidade, amo muito vocês.

Ao Guará, à Jaque e a à Elisa por serem minha família em Sampa e por todo o apoio do dia-a-dia, das risadas, das conversas. Ao Guará por ter se tornado indispensável, me ensinado como é bom levar a vida leve e com muita risada.

À minha formação política na Geografia e que, felizmente, não me afastei: a Associação dos Geógrafos Brasileiros e a Confederação Nacional de Entidades Estudantis de Geografia, que não deixam a apatia da academia acabar com a geografia. Assim como todos os meus amigos de Porto Alegre que me "liberaram" das atividades políticas e das saídas para conclusão desta dissertação e que nunca me deixaram na mão: Evelin, Déa, Coração, Izé, Marília, Lorena, Felipe, Renan... uma infinidade, ainda bem. E todos os amigos da Geografia que fiz neste Brasil afora, me ensinando estas diferentes geogafias.

À minha orientadora pelos altos e baixos, mas valeu, entre muitas coisas, cada "balão" e a amizade.

Aos meus amigos que surgiram recentemente e que foram fundamentais para conclusão desta pesquisa, Nelson Rego, meu primo e colega Dilermando e ao Marcelo Lopes de Souza pela militância na Geografia e por se mostrarem grandes amigos e minhas referencias na universidade. Aos queridos companheiros de apartamento João e Maira.

Ao meu Benzi (Theo) por ter agüentado comigo tanta coisa sem nunca ter desistido. Te amo.

E, finalmente, minhas referências de vida: meus pais Ana e Cilon, por serem as pessoas mais maravilhosas, dignas, honestas, lutadoras que existe neste mundo. À minha irmã Aline por ter colocado na minha vida o Guilherme e o Gabriel e por ser um grande exemplo de superação e determinação pra mim, estou e sempre estarei contigo. Ao meu irmão Pedrinho por ser essa coisa fofa da "sua Dadá" e, ao mesmo tempo, mostrando que vai ser um grande homem. É tudo por vocês e para vocês, pois são minha vida e o motivo que me faz acordar feliz a cada dia.

A futura organização social deve ser construída apenas de baixo para cima, por meio da livre associação ou federação dos trabalhadores, de início nas associações, depois nas comunas, regiões, nações e, enfim, numa grande federação internacional e universal.

(BAKUNIN, A Revolução Social, 1871)

Resumo

SILVEIRA, Renata F. Autogestão e Geografia: os territórios no viés das resistências. Dissertação (Mestrado em geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A presente pesquisa de mestrado teve como objetivo analisar a prática da autogestão na perspectiva libertária e a influência do anarquismo através da análise conceitual da geografia. Para tanto, utilizamos como ponto de apoio para esta análise a Comunidade Autônoma Utopia e Luta, prédio situado no centro de Porto Alegre/RS que recebe este nome por ter sido fruto de uma ocupação no ano de 2005. A escolha por este objetivo se deu a partir da hipótese que territórios se constroem nas mais diversas escalas, em espaços e tempos diferentes, podendo trilhar caminhos de resistência efetiva às formas autoritárias de organização, sendo estas o Estado, os partidos políticos, organizações não governamentais e/ou qualquer forma hierárquica de organização. Para construir a pesquisa, foi necessário elaborar uma ampla revisão teórica do anarquismo, da autogestão e de suas variantes, expostos no primeiro capítulo. Posteriormente, optou-se por abordar a Comunidade Autônoma Utopia e Luta onde foram realizadas entrevistas com os moradores e trabalhos de campo. Seguindo a lógica da observação participante, a inserção de campo se pautou nas diversas atividades propostas pela própria Comunidade. Buscou-se nas entrevistas identificar a percepção dos moradores em relação ao prédio onde moram, assim como o sentimento de pertencimento e a consciência de habitar em uma moradia fruto de ocupação e que carrega consigo as insígnias da autonomia, da autogestão, da auto-organização e da reorganização urbana. No terceiro capítulo buscamos investigar através de uma ampla revisão bibliográfica algumas concepções de território, territorialidade, autonomia e poder. Concluimos que as concepções de território, territorialidade, autonomia e poder estão fortemente impressas na Comunidade Autônoma Utopia e Luta através de sua prática de autogestão.

Palavras-chave: autogestão; resistência; autonomia; território; anarquismo.

Abstract

SILVEIRA, Renata F. Autogestão e Geografia: os territórios no viés das resistências. Dissertação (Mestrado em geografia humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This research aimed to evaluate the practice of self-management in the libertarian perspective and the influence of anarchism through the analysis of the conceptual geography. In this sense, we analyzed the Autonomous Community *Utopia and Luta (Utopia and Struggle)*, located in the city center of Porto Alegre / RS, whose name comes from an occupation in 2005. The choice of this aim lies on the hypotheses of territories that are built on different scales of space and time. Thus, it is possible to trace paths of effective resistance to authoritarian forms of organization, (e.g. State, Political Parties, Nongovernmental organizations and / or any form of hierarchical organization). To conduct this research, it was necessary to elaborate an extensive review of theoretical anarchism, self-management and its variants, exposed in the first chapter. Later, the Autonomous Community *Utopia e Luta* was taken into account, where interviews were made with residents and field work developed. Following the logic of the participatory observation, our entrance in the analyzed group respected the activities the Community itself proposed. Through the Interviews, our effort was to identify the perception of the residents concerning the building where they live in, as well as, the feeling of belongingness and the awareness of living in an occupation, which carries the insignias of: autonomy, self-management, self-organization and urban reorganization. In the third chapter, we tried to investigate through an extensive literature review some notions of territory, territoriality, autonomy and power. We conclude that the concepts of territory, territoriality, autonomy and power are strongly embedded in the Autonomous Community *Utopia e Luta* through its practice of self-management

Key-words: self-management; resistance; autonomy; territory; anarchism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - DA AUTOGESTÃO.....	5
1.1 Origens e teorias da autogestão	6
1.2 A apropriação como política de manutenção dos pobres.....	11
1.3 A autogestão, a influência anarquista e a necessidade libertária.....	18
1.4 O anarquismo.....	20
CAPÍTULO II.....	25
Comunidade Autônoma Utopia e Luta, para além de tijolos: símbolos, resistências, utopias e lutas	25
2.1 - Ocupação: a ocupação e a organização de vidas em espaços.....	27
2.2 - O " <i>braço econômico e político</i> " ou a Cooperativa Solidária Utopia e Luta (Coopsul).....	31
2.3 A estrutura organizativa ou "Estás pisando em um território de autodeterminação popular"	33
A ocupação	33
A mudança	36
Núcleos	39
2.3 - A edificação em movimento: solidariedade e ações conjuntas	42
CAPÍTULO III – GEOGRAFIA E OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIAS.....	48
3.1 - Uma breve história de resistência.....	49
3.2 - Sobre o território (e/ou poder) e territorialidades (e/ou estratégias de organização)	52
CONCLUSÕES – AUTOGESTÃO E GEOGRAFIA: TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA.....	57
Referências bibliográficas	62
Bibliografia de reportagens	67
ANEXOS	68
2. quinta-feira, 16 de dezembro de 2010.....	76
SEGURANÇA PRA QUEM?.....	76
3. sexta-feira, 24 de dezembro de 2010	78
FELIZ NATAL???	78
4. quinta-feira, 24 de fevereiro de 2011	79

A COPA PASSA POR AQUI...A RESISTÊNCIA TAMBÉM!.....	79
5. sábado, 26 de fevereiro de 2011.....	79
TODA REVOLTA E SOLIDARIEDADE À MASSA CRÍTICA	79
6. quarta-feira, 30 de março de 2011	80
ARTE NO TERRAÇO.....	80
7. sexta-feira, 17 de junho de 2011.....	81
MOVIMENTO UTOPIA E LUTA	81

INTRODUÇÃO

Sabemos que o capitalismo se expande de diversas maneiras, cada vez mais complexo e excludente e, contraditoriamente, emergem novas formas de organização oriundas de grupos excluídos, em espaços e tempos diferentes e que buscam por diferentes modos opor resistência a essa expansão/exclusão. Desta forma, amplia-se a luta cotidiana dos indígenas, quilombolas, caiçaras, camponeses, desempregados da cidade e do campo, sem-teto, ribeirinhos, entre outros. Se, por um lado existe a apropriação por parte do capitalismo, por outro existe a re-apropriação, enquanto luta, busca, pelo espaço.

Para escrever esta pesquisa, partimos do pressuposto que as lutas organizadas geram movimento e que esse movimento é dinâmico e é a dinâmica que traz transformações na história (tempo), e na geografia (espaço). Acreditamos, também, que a Academia, principalmente as ciências humanas, cumpre o papel de investigar como estes movimentos de resistência se constroem, propondo alternativas tanto para ampliar o debate científico, quanto para subsidiar estas formas de atuação.

Pensando nisso, sustentamos aqui uma discussão que subsidia a Autogestão a partir de duas perspectivas: que a Autogestão só pode existir/construir plenamente a partir dos princípios libertários, neste enfoque propomos fazer a crítica à autogestão também utilizada nos discursos autoritários. E, na segunda perspectiva, fazer o debate da Autogestão como um enfoque genuinamente espacial, trazendo assim a necessidade de abordar, a partir da Geografia, a dimensão territorial, subsídio para questionar, compreender e apoiar as lutas cotidianas daqueles que se organizam em territórios de resistência.

No primeiro capítulo buscamos expor o debate sobre autogestão iniciando pela importância de resgatar a autogestão como princípio e base de organização libertária, visto que diversos teóricos já vêm chamando atenção para a cooptação do termo de autogestão. Para concretizar isso colocamos a autogestão enquanto um conceito construído historicamente no seio das práticas e das teorias anarquistas. Para isso, abordamos três dos diversos pensadores e ativistas no anarquismo devido à importância destes no pensamento e na militância anarquista hoje. São eles Proudhon, que retratou os primeiros ensaios anarquistas sobre organização federativa, em um intenso debate sobre escalas e sobre autonomia financeira; Bakunin, pois além de

abordar a importância das organizações libertárias, apontou para a necessidade do viés revolucionário no âmbito internacional e conjecturou, também, sobre as possibilidades de autonomia e de distribuição da riqueza produzida pelos trabalhadores organizados; e Kropotkin, que teve muito da sua produção bibliográfica e sua militância voltada para a necessidade da ajuda mútua e da solidariedade como componentes indispensáveis na evolução humana. Evidente que existiram e existem diversos outros pensadores e militantes do anarquismo tão ou mais significantes, cada um com uma abordagem de acordo com a demanda social contextualizada.

Posteriormente, buscou-se desconstruir (ou destruir) os métodos de cooptação de (auto)alienação dos trabalhadores e contenção social, através de mecanismos da (auto)reprodução da pobreza manipulada pelo poder público, empresas privadas, gestões hierárquicas e centralizadas com o discurso de participação e co-gestão. O terceiro momento deste capítulo se refere à importância de uma concepção política como catalisadora para o exercício da autogestão "verdadeira", construída sobre bases e princípios libertários. Para alcançar este objetivo, nos debruçamos no anarquismo enquanto ideologia. Após as leituras e investigações teóricas, optou-se pelo especificismo como alternativa e ponto de apoio, devido aos seus princípios e concepções – relatados no capítulo. No final do capítulo I, elencamos algumas características que se fizeram importantes ao longo do capítulo que vieram a colaborar com o objetivo da pesquisa.

O segundo capítulo trata-se de um relato dos trabalhos de campo no Utopia e Luta como ponto de apoio para as nossas hipóteses e objetivos. Para tanto, foram realizadas três rodadas de entrevistas: a primeira em julho de 2009, onde procuramos identificar a história do Utopia e Luta, assim como uma revisão documental dos materiais disponibilizados pela Coopsul (até então gestora do condomínio); a segunda em fevereiro de 2010, procurando preencher algumas lacunas que foram identificadas no primeiro trabalho de campo; e, finalmente, na terceira rodada de entrevistas, em junho e julho de 2011, objetivou-se compreender um fato novo no Utopia e Luta, algumas alterações na forma de organizar as tarefas do prédio, redistribuindo funções. Foram entrevistadas 38 das 42 unidades habitacionais, em geral, um morador por unidade. Muitos entrevistados ficaram tímidos ou não sabiam como agir ao responder

as questões, todavia, os laços de amizade que foram se construindo e a vivência, principalmente, nas atividades políticas do Utopia e Luta, facilitaram a interpretação destas vozes. Ao mesmo tempo, o medo de ser invasiva ou de faltar com ética, causou certo mal estar na entrevistadora. Mas acreditamos que não tenha prejudicado o caminho para se objetivar a pesquisa.

O capítulo 3 trata-se da revisão teórica e conceitual da produção teórica da geografia em relação à dimensão territorial. Evidentemente que, até mesmo para não cansar o leitor, elencamos algumas concepções de território, poder, autonomia e territorialidade que serviram como subsídio para comprovar nossa hipótese.

Nos anexos, optamos por disponibilizar ao leitor, além de alguns documentos, cartazes e manifestações artísticas que reforçam o caráter libertário do Utopia e Luta e a percepção do espaço para o conjunto de moradores, principalmente a abordagem territorial, com todas as suas subjetividades.

Acreditamos que este trabalho se tornou, ao longo do seu caminho, um ensaio para estudos posteriores sobre a importância da abordagem destes territórios coletivos, minoritários no contexto capitalista e engendrados em relações de poder autoritárias. E, talvez o mais importante, reforçou a importância da existência destes territórios para a projetar um futuro, dar esperanças e abrir novas brechas para a resistência.

CAPÍTULO I - DA AUTOGESTÃO

O sentido da autogestão vem sendo alterado e variado através de apropriações que não condizem com seus princípios. Estas apropriações se explicitam em diferentes situações, mas com o mesmo propósito político da alienação dos sujeitos oprimidos historicamente através de uma maquiada concessão de autonomia, de participação e do sentimento de pertencimento. Todavia, existem formas de cooptação e alienação através do uso da autogestão e do discurso da autonomia, o que nos leva a analisar, neste capítulo, a fundamentação e os princípios da autogestão, as formas de cooptação e as potencialidades da autogestão hoje. Quais são os atores envolvidos nos diferentes períodos históricos em que autogestão se tornou uma forma de organização de resistência? O que e para quem é esta resistência? O caracteriza e define a autogestão?

1.1 Origens e teorias da autogestão

Os anarquistas foram (e ainda são) os principais propagadores e defensores da autogestão. Muito mais que uma forma de gestão funcional ou administração, a autogestão se fundamenta, na ótica anarquista, como um princípio social para a ruptura com as formas autoritárias de governo, em diferentes escalas. Essa ruptura se materializa na organização coletiva de sujeitos com princípios e objetivos comuns, de forma livre e sem exploração do trabalho ou qualquer opressão realizada através do homem pelo homem.

Apresentaremos a seguir Proudhon, Bakunin e Kropotkin. É importante atentar que não foi feita uma abordagem metódica sobre cada um dos autores citados, visto que existe uma ampla literatura que abarca a vida e a obra destes pensadores. Todavia atentamos para alguns princípios que ficaram como legado destes pensadores, ou seja, o início dos pensamentos que guiaram os debates sobre autoridade, liberdade, autonomia no anarquismo e que, ainda hoje, guiam práticas, ações e teorias libertárias.

Proudhon¹ foi o primeiro homem a se intitular anarquista (LEVAL, 2002). Defensor do socialismo libertário e da abolição da propriedade, o tipógrafo considerava que toda a propriedade só poderia existir procedendo da conquista da liberdade através dos próprios trabalhadores. Esta conquista efetua-se a partir da organização dos trabalhadores e da desalienação do trabalho. Ou seja, a efetivação da liberdade, para Proudhon (1975), está intimamente ligada à perspectiva econômica e libertária, conquistando-se o direito sobre o produto (produzido pelo trabalhador) através da apropriação direta dos meios de produção – daí, então, viria a desalienação do trabalho – e da apropriação, necessariamente, ao espaço onde é produzido e onde ocorrem não só os meios de subsistência do trabalhador, mas, também, aos meios de reprodução social e convívio, ao qual se remete a "terra como devendo ser algo comum", ou seja, a propriedade (PROUDHON, 1975: 23). Esta proposta de organização social e econômica Proudhon denominou **mutualismo**.

Concordamos com Cappelletti (1985), ao considerar o **mutualismo** como a primeira teorização em torno da autogestão, pois apresenta propostas de organização econômica e social agregadas ao viés político e ideológico, no caso, o anarquismo. Proudhon (1975) remete a "solução" colocada pelo **mutualismo** a partir da negação da propriedade privada, que chama de suicídio da propriedade, e da afirmação da posse individual² como condicionante da vida social; da igualdade de direitos em relação à ocupação e uso da terra, onde pode existir a variação de número de usuários sem estabelecer a propriedade; o trabalho coletivo como propulsor da extinção da propriedade; não existência do acúmulo de capital e excedente (lucro), uma vez que a força de trabalho coletiva em um espaço coletivo resultaria, enfim, em iguais salários; a **livre associação e igualdade entre os trabalhadores**, possibilitando instrumentos e "equivalência em todos os intercâmbios" para viabilizar esta livre associação, de forma organizativa. Esses pressupostos do mutualismo teriam como consequência o

¹ Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865).

² Diferença entre propriedade e posse para Proudhon:

desaparecimento de todo o governo do homem pelo homem, chegando "a mais alta perfeição da sociedade, que consiste na síntese da ordem e da anarquia (PROUDHON, 1975: 89).

O mutualismo consistiria, então, em uma proposta de organização onde cada produtor teria o direito de receber pelo seu “volume de trabalho”, sem que para isso o indivíduo perdesse sua soberania ou tivesse a “limitação de desenvolver suas potencialidades”. A fórmula aplicada para a apropriação desta força de trabalho consistia na relação valor-trabalho que, posteriormente seria ponto de divergência entre os teóricos do anarquismo.³

Um destes teóricos foi Bakunin⁴, sociólogo, filósofo, um dos principais expoentes do anarquismo no século XIX, além de um dos maiores teóricos e ativistas da Primeira Internacional⁵, foi o principal nome da corrente teórica chamada de **coletivismo**. O **coletivismo** consiste em um sistema econômico e social onde os trabalhadores se organizam em associações livres. Aparentemente sem nenhuma diferença da proposta de mutualismo de Proudhon, o **coletivismo** diferencia-se, sobretudo, por pregar que o excedente do trabalho desenvolvido por cada trabalhador deve ser repartido de acordo com o trabalho exercido por ele. Ou seja, se para Proudhon o fruto do trabalho ou salário deveria ser o mesmo – pois o direito à ocupação aos meios de trabalho também seriam iguais já que não existiria a propriedade – para Bakunin os trabalhadores associados e autogeridos deveriam dispor as terras e os instrumentos de produção de forma coletiva, mas o resultado da produção deveria ser repartido na proporção do trabalho de cada um (CAPPELETTI, 1985:15).

No entanto, observa-se que a proposta de coletivismo se diferencia do mutualismo, basicamente, na distribuição do excedente produzido, pois, os

³ A tentativa mais conhecida de Proudhon em viabilizar formas de gestão libertária foi a Criação do Banco do Povo, que tinha como objetivos assegurar a gratuidade do crédito e garantir a soberania do trabalho em todo o processo de produção associada livremente de forma não violenta, promovendo e fomentando o intercâmbio de produtos equivalentes entre os trabalhadores (CAPPELETTI, 1985).

⁴ Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814 – 1876).

⁵ Bakunin participou da Primeira Internacional até ser expulso por Karl Marx no Congresso de Haia, em 1872.

fundamentos de organização no que se refere à livre associação dos trabalhadores de maneira libertária e autônoma, têm os mesmos princípios. A concepção de liberdade e justiça está, também, intrínseca às formas de organização libertária, pois, para Bakunin (2002:47), a liberdade consiste no "desenvolvimento pleno de todas as faculdades e poderes de cada ser humano, pela educação, pelo treinamento científico e pela prosperidade material". Ao assim conceber liberdade, Bakunin afirma que qualquer tipo de organização "deve [deverá] ser feita apenas de baixo para cima, pela livre associação e federação dos trabalhadores, nas associações [...], nas regiões, nas nações, e finalmente em uma grande federação universal" (BAKUNIN, 2009:47). Concebendo que,

[...] quando, combinando-se entre si, **sempre livremente segundo suas necessidades** e sua natureza, elas [as associações] forem uma imensa federação econômica com um parlamento esclarecido pelos dados tão amplos quanto possível e detalhados por uma estatística mundial [...], combinando a oferta e a procura poderá governar, determinar e repartir entre diferentes países a produção da indústria mundial, de sorte que não haverá mais, ou quase, crises comerciais e industriais, estagnação forçada, desastres, penas nem capitais perdidos, então, o trabalho humano, **emancipação de cada um de todos**, regenerará o mundo.

O escritor e geógrafo russo Kropotkin⁶, ao longo de suas obras e de seu ativismo propôs, assim como Proudhon e Bakunin (e tantos outros anarquistas), formas de organização em que prevalecesse a autonomia, a liberdade e a organização dos trabalhadores.

Dois de seus principais legados teóricos foram materializados em duas grandes obras: a *Conquista do Pão* e a *Ajuda Mútua*. Ao escrever *A Conquista do Pão*, Kropotkin coloca suas considerações em torno das concepções de autonomia e liberdade ao criticar de maneira contundente às falhas proposta pelo ideal republicano

Ao escrever sua célebre obra *A Conquista do Pão*, ele aponta o que considera as falhas nas propostas dos sistemas econômicos como criadoras e potencializadoras

⁶ Pyotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1821).

da miséria social enquanto promovem o privilégio de uma classe abastada. Para ele, não havia sentido em pensar uma fórmula de distribuição de riquezas, como o sistema republicano, sem pensar o processo que compõe essa distribuição. Assim, baseado na ajuda mútua⁷, defendeu que a prática da cooperação voluntária já existia na vida humana e que seriam evolutivas⁸. Kropotkin também avança na análise calcada puramente na produção e transcende para uma abordagem do social, do político e do espacial. Por isto, a proposta do geógrafo permeia desde a expropriação até o consumo⁹.

Guillén (2004, p. 87), ao analisar o pensamento de Kropotkin, coloca que a sua proposta de organização estava fundamentada em sua postura política. Guillén afirma que, para Kropotkin,

O verdadeiro socialismo pressupõe a liberdade, a igualdade, a paz, a abolição das classes, o Estado dissolvido na Sociedade e não colocado sobre ela; a supressão do desenvolvimento desigual entre a cidade e o campo; a superação da contradição entre o trabalho manual e intelectual. Por fim, o socialismo é de participação direta dos trabalhadores em suas empresas, dos cidadãos em seus auto-governos, sem que uma classe política monopolize o Poder com um Partido único e um Estado totalitário.

Assim como havia diferenças entre a proposta de Proudhon e Bakunin, também é possível identificar diferenças entre a proposta de Kropotkin e Bakunin. Enquanto Bakunin propõe, no coletivismo, distribuir o produto do trabalho de acordo com o trabalho de cada um, Kropotkin defendia que os trabalhadores, livremente associados, deveriam receber de acordo com suas necessidades. Kropotkin denominou esta proposta de organização de **comunalismo** ou **anarco-comunismo**. Esta proposta de

⁷ Apoio Mútuo: conceito desenvolvido por Kropotkin que originou outra de suas principais obras, o livro Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução.

⁸ Kropotkin foi um dos principais opositores da teoria do darwinismo social ao contrapor a essa teoria a compreensão de que a sociedade existia e evoluía através da cooperação e da solidariedade.

⁹ Leval (2002) faz uma análise muito interessante ao citar os capítulos desta obra como sintetizadores de suas idéias, são estes: Nossas riquezas; A abastança para todos; O comunismo anarquista; A expropriação; Os gêneros alimentícios; A moradia; O vestuário; As vias e os meios; As necessidades de luxo; O trabalho agradável; O livre acordo; O salariado coletivista; Consumo e produção; A descentralização das indústrias; A agricultura.

organização econômica e social estava calcada em que cada trabalhador deveria receber aquilo que necessitasse para viver, o que não significava uma subsistência mas sim, um sistema que garantisse a soberania individual e coletiva a partir da liberdade e da autonomia. Ao analisar o papel do Estado e dos organismos e sistemas autoritários, Kropotkin elenca alguns pressupostos para garantir a "vida humana social e livre" (KROPOTKIN, 2000, Pág. 90).

O que se torna imprescindível é terminar com as diferenças, com as categorias que existem, pretensamente, entre subalternos e superiores, tanto nas profissões como nos casais, tanto nas cidades como nas aldeias, como em quaisquer regiões. Em cada rua, em cada bairro, em cada agrupamento de indivíduos que viviam em torno de uma oficina, ou ao longo de uma via férrea, é necessário despertar o espírito criador, construtor, organizador, afim de se reconstruir a vida inteira; - e a reconstrução da vida nova deve ser feita na oficina, no caminho de ferro, na produção, na distribuição, nos armazéns, nos entrepostos, no povoado, enfim, em todas as relações entre indivíduos e entre aglomerados humanos, para, no dia em que se terminar com a organização social atual, comercial e administrativa, haver o necessário espírito de continuidade, as necessárias fontes de vida humana social e livre.

É importante salientar que as propostas de organização relatadas neste primeiro momento do capítulo I não ficaram no plano da teoria de alguns indivíduos, mas sim, tiveram diversos propagadores que transformaram estas primeiras doutrinas do anarquismo em propostas políticas, dentro do contexto histórico em que estavam inseridos. Portanto, influenciaram intensamente os debates que permearam desde a I Associação Internacional dos Trabalhadores – travada principalmente através das vozes de Bakunin a Marx – diversas disputas políticas que seguiram no século XIX contextualizada na Revolução Industrial, e nos séculos XX e XXI principalmente no que diz respeito às organizações sindicais e/ou insurreições populares, inclusive na atualidade.

1.2 A apropriação como política de manutenção dos pobres

“A competitividade deve determinar o sistema de organização do trabalho. O grau de complexidade das atividades também influencia a participação dos empregados nos processos organizacionais. O grau de autonomia das tarefas, sua variedade, o volume de informações e a sua significância dependerão sempre do tipo de sistema organizacional adotado pela empresa. Diante disso, o posto de trabalho mudou e tudo indica que as mudanças não vão mais parar, conforme demonstram o processo de inovação e o conceito de curta maturação tecnológica. O trabalho em grupo libera a chefia que vai ocupar-se da parte estratégica. Isso decorre do fato de o grupo ter metas fixadas a cumprir. Na sua estrutura existe um coordenador ou porta-voz que substitui com vantagens a figura da chefia tradicional.”

Novas Formas de Organização do Trabalho (NFOT)¹⁰

A análise das práticas de autogestão também caminha por meandros nem sempre alicerçados em princípios libertários. Assim, entendidos como uma forma de gestão que pode fortalecer experiências de resistência ao capitalismo, os conceitos de autogestão e autonomia também são apropriados por diferentes atores – Estado, ONG's, empresas públicas e privadas, pesquisas acadêmicas, etc.

Para compreender estas diferenças é importante situar, em termos comparativos, algumas características de outras formas de gestão que podem facilmente ser confundidas com a autogestão. São os casos da gestão participativa e da co-gestão. A gestão participativa se configura na organização, associação que se limita na própria participação plena dos sujeitos, não necessariamente rompendo o poder centralizado e hierárquico estabelecido, passando a sensação de um papel ativo e colaborador aos sujeitos "participantes", como uma espécie de maquiagem e, conseqüente, cooptação (ALLAIN e BOURDIEU, 1976). A dita participação ocorre, na verdade, com a concessão do patrão, dirigente, chefe ou qualquer outra denominação

¹⁰ NFOT é um conceito utilizado para fazer referência às formas mais “participativas” na organização de uma empresa permitindo, assim, o controle dos trabalhadores com uma aparente autonomia e permitindo a reprodução da lógica capitalista empresarial.

Referência: KOVÁCS, I. Novas Formas de Organização do Trabalho e Autonomia no Trabalho.

Site: <http://lugli.org/wpcontent/uploads/2008/01/06novas_formas_de_organizacao_do_trabalho.pdf>

Acesso em 01 de maio de 2010.

que receba desde que o sujeito participe sem alterar o poder que está posto. A co-gestão vai além da gestão participativa, pois coloca outro elemento de maior auto-alienação que a simples concessão limitada de poder. Este novo elemento se materializa através da parceria, da divisão de lucros e/ou da distribuição de cargos – seja na relação trabalhador/patrão das empresas ou até mesmo no poder público e a sua relação com alguns bairros ou zonas da cidade - não rompendo a lógica da política centralizadora de poder, no caso de empresas, cooperativas. (ALLAIN e BOURDIEU, 1976). Diferentes da autogestão, a gestão participativa a co-gestão não implica na destruição do poder centralizado, mas, ao contrário, esconde o poder por trás de uma aparente participação e responsabilidade do sujeito, onde o patrão, presidente, prefeitura, diretor ou qualquer outra denominação representante da gestão centralizada não está colocada em questionamento.

Mas quem são estes sujeitos? Entendemos que estes sujeitos são trabalhadores, associados, sindicalizados, moradores e/ou quaisquer sujeitos que componham a base de alguma organização e/ou coletivo organizado a partir de uma estrutura verticalizada e/ou, na melhor das hipóteses, do centralismo democrático. Ter o controle sobre essa base é uma estratégia política que qualquer organização autoritária visando manter o controle e o domínio sob determinado setor da sociedade.

Sendo a autogestão uma forma de se organizar fundada em princípios libertários, torna-se importante elucidar a concepção do que é autoritário na ótica anarquista. De acordo com RODRIGUES (2011:41)

A doutrina anarquista afirma que o Estado é o centro do princípio da autoridade e da hierarquia de uma determinada organização social. É esta instituição que possui a atribuição de formular leis e normas que regem todos os aspectos da organização societária. Em cada sociedade onde esta instituição se desenvolva, são constituídas diferentes formas de organização para o processo de formulações de leis, de administração, planejamento e gestão das atribuições estatais: parlamentos, ministérios, autarquias, comissões, secretarias, conselhos, etc. Basta imaginar qualquer aspecto da vida coletiva que lá encontraremos a presença do Estado, com maior ou menor intensidade.

É fundamental conceber e delimitar o que é o autoritário e o que o libertário, pois os limites existentes entre uma e outra concepção são o que fundamentam a autogestão como uma perspectiva libertária e de resistência, conforme defendemos. Ainda que Rodrigues em sua definição cite o Estado como principal agente, é possível afirmar também em sua análise que o Estado é o "centro do princípio", ou seja, um organismo que cria possibilidades de cooptação e controle sobre e naquilo que possa ameaçar seu poder, cabendo a este "fiscalizar a obediência às suas leis e normas para garantir a manutenção da ordem estabelecida e evitar comportamentos desviantes e subversivos que coloquem em risco não somente a ordem estatal, mas a própria organização societária" (RODRIGUES, 2011:41).

A abordagem em torno dos agentes de poder centralizador, como o Estado, por exemplo, torna-se imprescindível por dois motivos: o primeiro é para argumentar a importância da autogestão como uma forma de organização genuinamente de resistência ao sistema capitalista e o segundo motivo para elucidar os diferentes mecanismos de controle do Estado (e seus agentes) em torno das formas de resistência ao próprio Estado, tanto de esquerda, como de direita, como mostra a história. Dos diferentes mecanismos de controle alguns são mais facilmente identificáveis, como a repressão policial, o uso da violência, os sistemas ditatoriais. Todavia, nas últimas décadas vêm se estabelecendo novas formas de controle, principalmente por governos e políticas de linhas conservadoras, como o discurso de participação – como vimos anteriormente - para a cooptação "pacífica" de qualquer forma de resistência, como a própria cooptação e uso da autogestão.

Esta cooptação "pacífica" se estabelece dentro de uma determinada conjuntura política. No Brasil esta prática se inicia principalmente a partir do processo de redemocratização – pós ditadura militar - em um quadro econômico de forte dívida externa. Este momento torna-se propício para a aproximação de organismos multilaterais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e do Banco Mundial - que

na década de 1970 apoiaram de forma contundente programas sociais denominados de *self-help*¹¹ - e inserção no cenário político e econômico do país através do direcionamento das políticas públicas (USINA, 2005). Ao mesmo tempo, na década de 1980, a ascensão dos movimentos sociais pautou por algum tempo a agenda política dos partidos progressistas e de esquerda, assim como do governo e, consequentemente, as políticas públicas, como exemplifica o grupo USINA (2005:50).

Ao mesmo tempo, ocorrem as primeiras vitórias eleitorais do Partido dos Trabalhadores, com a conquista de diversas administrações municipais, fato que estimula uma inesperada aliança estatal com os movimentos sociais e a invenção democrática das políticas públicas pós-ditadura, entre elas a de habitação – cujo grande campo experimental, com o 'mutirões autogeridos', foi a administração de Luíza Erundina na prefeitura de São Paulo, em 1989-1992.

Diante disso, a inclusão da autogestão se insere com a característica de dar “capacidade aos pobres de se responsabilizarem por sua própria reprodução social” (USINA, 2005:50), reforçando o caráter das políticas públicas de baixo custo. Diante desse cenário político, alguns setores do poder público despertam para a possibilidade de se utilizar dessa forma de gestão – os mutirões - como mecanismo para ocultar o então desamparo dos movimentos contestatórios. De acordo com o Grupo Usina (2005:53),

Essa “autogestão à brasileira” esteve associada também a uma cultura organizacional e a valores do cristianismo progressista das comunidades de base, muito mais do que a uma motivação política anarquista ou socialista.

Percebe-se que o caráter político, histórico e ideológico se torna secundário, e passa a ser um discurso adotado a partir da disputa pela riqueza socialmente produzida e da negação do Estado como agente implementador de políticas públicas, acabando por criar um caráter paradoxal a essa forma de gestão, onde, ao mesmo tempo em que

¹¹ Na tradução literal "auto-ajuda".

o Estado e as empresas cedem autonomia de organização aos trabalhadores ou aos movimentos sociais, controla através de ações de fundos públicos.

Chomsky (2004), ao refletir sobre a autogestão industrial, faz a crítica às políticas sociais implementadas pelas indústrias europeias, na década de 1970, quando faz alusão aos métodos de gestão e “inserção social” nas fábricas. A análise de Chomsky remete, à primeira vista, certa crítica direcionada aos intelectuais e economistas da época, pois métodos como o de co-participação, gestão participativa, entre outros, eram amplamente debatidos e difundidos por meios de comunicação e revistas específicas e acadêmicas de economia, pregando a lógica de que era economicamente mais viável. Segundo Chomsky (2004:45), existia uma estratégia que permeava metas e relatórios aplicadas pelas grandes corporações industriais.

Elas [as estratégias das grandes corporações industriais] provariam estar muito distantes de uma “cidadania industrial” ou da propriedade coletiva defendida pelo socialismo libertário, mas iriam construir uma forma de participação modesta na gestão.

Chomsky trata sobre essa tentativa de “cidadania industrial” inventada pelo mundo corporativista e sobre o discurso aparentemente democrático que visa se utilizar das iniciativas sindicais como mecanismo de controle dos trabalhadores, atentando que esta implementação de métodos mais participativos pelas empresas também é resultado das falhas da esquerda, nesse caso especialmente os sindicatos, ao permitirem que o discurso participativo e democrático trouxesse de fato aparentes transformações sociais aos trabalhadores, ainda que fosse à participação dos lucros.

Ortellado (2004) chama a atenção à apropriação de algumas práticas da autogestão como mecanismo de contenção social estratégica – contra as greves, por exemplo – implementadas pelo sistema capitalista. De acordo com Ortellado, a primeira confusão, repleta de intencionalidades, está no próprio termo utilizado: economia social,

economia solidária ou autogestão empresarial (ou do capital)¹². A economia social, termo utilizado com maior freqüência na Europa, de acordo com o autor, é “um conceito que se refere a toda uma gama de atividades econômicas, não necessariamente integradas, onde a propriedade jurídica dos meios de produção é parcial ou totalmente dos trabalhadores” (ORTELLADO, 2004:47). Essa estratégia do capitalismo em cooptar conceitos e práticas, que outrora foram bases ideológicas de resistência, não surge somente como um projeto de longo prazo do capitalismo. De acordo com o autor, essa política de “democratização do capital” também serve como ponto de apoio da contenção do desemprego na prestação de contas dos governos, em caráter emergencial. Para Ortellado (2004: 53) a retomada da autogestão – no caso europeu -, denominada de Economia Social

não como uma alternativa socialista, mas pelo menos declaradamente, como uma alternativa capitalista ao problema do desemprego, a economia social encontra apoio em sindicatos, organizações não governamentais e agências estatais de fomento (embora, por outro lado, ainda sofra enormes resistências: em alguns sindicatos e na justiça do trabalho que, não adaptados, temem tornar-se anacrônicos, e numa parcela do empresariado que teme que iniciativas bem sucedidas ameacem sua hegemonia).

Exemplo recente das práticas de cooptação de movimentos sociais e associações pelo setor privado com o apoio do poder público, é o caso dos catadores de resíduos recicláveis e a sua relação com a Coca-Cola, sendo que a segunda se apropria da exploração do trabalho dos catadores através do argumento de “sustentabilidade”, reciclagem de lixo, etc. Esta apropriação ocorre desde a impressão *lato sensu* nos seus produtos e campanhas publicitárias, como o apoio financeiro em algumas estruturas – caminhão para a coleta de resíduos – cedendo uma pretensão de sucesso empreendedor aos catadores. Nesta mesma linha, o poder público apóia a

¹² Um exemplo que comprova as intencionalidades que estão por trás da apropriação do termo é que na Espanha, país que foi o cenário da autogestão como uma prática organização libertária na Guerra Civil Espanhola, o termo utilizado para essa política de contenção é a Economia Social.

iniciativa, pois estes catadores dispõem de renda (mínima), "deixam" de pertencer aos números de desempregados da gestão pública e, no aspecto político, desmobiliza politicamente os trabalhadores, enfraquecendo a organização dos movimentos sociais e associações no que se refere às pautas políticas construídas historicamente com caráter contestatório.

Constata-se que a apropriação do uso e a função da autogestão transcorrem por contextos que envolvem escalas diferentes, tempos diferentes, passando de um instrumento de gestão coletiva, com suas bases na democracia direta, à cooptação do discurso da livre organização das populações (USINA, 2008), caracterizando-se como um instrumento de contenção e manutenção dos pobres a baixo custo, como política pública para populações marginalizadas e a alienação dos trabalhadores. Ou seja, não é uma mera questão de sintaxe, mas sim uma concepção política que envolve a autogestão.

1.3 – A autogestão, a influência anarquista e a necessidade libertária

Frequentemente o pensamento libertário e o anarquismo são confundidos. É necessário esclarecer que, ainda que historicamente andem juntos, possuem conceitos diferentes. Porém, pelas mesmas razões históricas, existem afinidades entre as principais referências do anarquismo clássico e a idealização do pensamento libertário. De acordo com SOUZA (2005)

se deixarmos de lado certas afinidades mais ou menos substantivas e mais ou menos aparentes com personagens e movimentos de um passado mais remoto, pode-se dizer que, a perspectiva libertária, como *crítica radical da heteronomia e rejeição simultânea do capitalismo (e do Estado capitalista) e do "socialismo burocrático" (e das suas premissas políticas e filosóficas, embutidas no marxismo típico)*, foi inaugurada, historicamente, pelo anarquismo. E, não obstante isso, o anarquismo de um Proudhon, de um Bakunin, de um Reclus, de um Kropotkin, de um

Malatesta ou de uma Emma Goldman não poderia, depois de tantas décadas e gerações, pretender-se ainda perfeitamente atual, apto a dar conta da realidade contemporânea e bastando-se a si mesmo. Raciocinar assim seria incorrer no dogmatismo mais rasteiro, do mesmo tipo no qual os marxistas mais ortodoxos sempre costumaram incorrer – e, com isso, deixando de fazer justiça ao próprio Marx.¹³

Esta compreensão da relação do pensamento libertário e do anarquismo nos permite fazer a leitura da pertinência da ligação destes com a prática da autogestão como condutores do processo de busca pela autonomia política baseados no contexto/conjuntura político atual e das potencialidades da autogestão enquanto prática eficiente para a manutenção de territórios de resistência. Além disso, o pensamento libertário e o anarquismo trazem em sua história - como vimos na primeira parte deste capítulo – concepções de liberdade, de organização, de coletivização e de horizontalidade que são fundamentais para a existência da autogestão. Em relação à coletivização, concordamos com Glauco Rodrigues (2011) ao se referir a coletivização como o processo onde os sujeitos tomam posse dos meios de sobrevivência e "instituem a autogestão política e econômica da organização social, constituindo um espaço público onde o exercício do poder é efetivado por uma coletividade" (RODRIGUES, G. B., 2011:264).

Todavia, as mudanças nas relações entre os sujeitos no processo de coletivização acabam por criar um cenário, muitas vezes, de contradições e dificuldades cotidianas que se estabelecem nas relações entre os sujeitos no processo de coletivização. Ou seja, as contradições e dificuldades deste processo no espaço autogerido implicam em ter outra noção de liberdade, de **coletivo**, de democracia, etc.

PARRA (2002), em seu estudo sobre as contradições nos processos de coletivização de empresas autogeridas oriundas de ocupação pelos trabalhadores, aborda a dificuldade de estabelecer novas relações de horizontalidade e de participação nos processos decisórios e administrativos em conflito com relações autoritárias e de

¹³ Grifos originais do autor.

submissão dos trabalhadores, construídas historicamente sobre a base das formas de organização autoritárias. Pois a autogestão e o processo de coletivização se torna, também, um processo de solidariedade entre os diferentes sujeitos constituintes do espaço autogerido. PARRA (2002:19), relata que

[...] a passagem da situação de empregados assalariados para trabalhadores associados é recheada por inúmeras resistências e transformações culturais. **A opção pelo trabalho coletivo nem sempre é consciente e pacífica** (...). Ao mesmo tempo, os anos mergulhados em relações de mando, subordinação e consentimento (...), formaram trabalhadores com um perfil que colide frontalmente com os princípios não hierárquicos e participativos promulgados pela autogestão.

Essas contradições ficam mais evidentes quando se aflora a autonomia e a coletividade entre os sujeitos e estas são obstruídas pela própria cultura de submissão inerente à lógica hierárquica de uma fábrica, do Estado, do centralismo democrático, principalmente quando se trata da ingerência burocrática de um antigo modelo de gestão nos moldes do capitalismo. Ao mesmo tempo, essas contradições passam a ser inerentes, também, à resistência ao próprio modelo capitalista, ou seja, o caráter de resistência se coloca quando, mesmo inseridos em uma organização com “princípios não hierárquicos e participativos”, se opõem, re-existem e reinventam esta oposição na forma de organização.

Todavia, a existência das contradições no processo de coletivização não significa necessariamente a rejeição de um modelo, mas sim parte das relações individuais com o coletivo. A necessidade de encontrar a "ajustes" coletivamente, de forma horizontal, construída de baixo para cima, gera, evidentemente, conflitos que são superados com o cotidiano, ou seja, faz parte do exercício de existir e resistir. A autogestão se torna então uma forma de organização que auxilia neste exercício.

1.4 O anarquismo

Para delimitar de forma mais eficiente a proposta de autogestão que adotamos é necessário fazer algumas considerações – e até mesmo críticas – a algumas correntes do anarquismo. Para estas considerações, utilizamos o argumento do ativista e ecologista social Bookchin, (2011) em uma recente publicação intitulada "Anarquismo, crítica e autocrítica", onde o autor faz uma diferenciação entre o anarquismo social e o anarquismo "estilo de vida". Para Bookchin, desde os anos 1990 estas duas correntes do anarquismo se tornaram mais distantes, pois o anarquismo "estilo de vida" estaria voltado para grupos anarquistas – que também adotam a autogestão - que limitam o campo da transformação social ao indivíduo ou somente ao grupo que pertencem, referindo-se, em especial, à estética ou as relações de comunidades alternativas que se isolam, ainda que com a prática libertária. Para ele, esta forma do anarquismo está em contraposição ao "anarquismo social", ou seja, o anarquismo entranhado no internacionalismo, na solidariedade de classe, articulado em diversas escalas, presente, principalmente, no sindicalismo revolucionário¹⁴ do início do século XX (BOOKCHIN, 2011).

Optamos pelo especificismo por ser baseado nos princípios do anarquismo social e tem sua origem na Federação Anarquista Uruguia (FAU)¹⁵, apontando o anarquismo através de dois eixos centrais: organização e inserção social através do trabalho de base. Esta teoria é proveniente, principalmente, de Errico Malatesta e de Bakunin que, em seus escritos, afirma que qualquer forma de organização libertária conter objetivos comuns e com formas e meios necessários para atingir seu objetivo proposto por ela e, logicamente, dos sujeitos que a compõe (MALATESTA, 2000). Esta proposta de organização baseada em agrupamentos societários com estratégias e planejamentos com objetivos comuns baliza alguns princípios da autogestão como forma de

¹⁴ Importante salientar que Murray Bookchin baseia suas teses no anarquismo social voltado para as mesmas vertentes do anarquismo clássico, pois, em sua análise, considera que o sindicalismo já não cumpre a função de organismo revolucionário representante da classe trabalhadora, pois estaria completamente inserido no sistema capitalista. Logo, a análise de Bookchin está voltada para o viés comunitário e articulado, que é o que chama de "municipalismo libertário".

¹⁵ FAU: <http://www.nodo50.org/fau/>

organização com estratégias políticas para atingir objetivos desde o campo sindical até o comunitário.

A concepção de política ostentada pelo anarquismo especificista é diretamente ligada – como toda doutrina – a uma ideologia que se expressa no conjunto de idéias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação, conceituada como prática política (MTD-RJ e UNIVERSIDADE POPULAR, 2010). A ideologia exige a formulação de objetivos finalistas (de longo prazo, das perspectivas de futuro), a interpretação da realidade em que se vive e um prognóstico, mais ou menos aproximado, sobre a transformação desta realidade (FARJ, 2009). Ou seja, para o anarquismo especificista a ideologia não é um conjunto de idéias e valores abstratos, dissociados da prática, com um caráter puramente reflexivo, mas, sim, um sistema de conceitos que existe na medida em que é concebido junto à prática e está voltado a ela.

Uma segunda conceituação do anarquismo especificista que se conecta à autogestão é a compreensão e consciência da existência da luta de classes. O anarquismo difere da concepção marxista, ainda que bem próximo, por acreditar que os sujeitos revolucionários não estão somente no proletariado fabril, mas sim se encontram em outros agrupamentos, nos movimentos sociais de luta pela moradia, associações de bairro, de moradores de rua, desempregados, coletivos voltados para a discussão de gênero, raça e sexualidade (FARJ, 2008). Tão fundamental quanto a concepção de política e de luta de classes e também inerente à autogestão é a prática da democracia que é concebida pelos anarquistas oposta à democracia representativa, onde são eleitos os sujeitos políticos através do voto nos anos eleitorais. A democracia é mecanismo direto, e por isso chamado de democracia direta, que perpassa por todas as esferas da vida dos sujeitos que compõe o coletivo (FARJ, 2008). Sendo assim, política e democracia direta convergem no mesmo caminho de "fazer política", que passa a ser uma ação em toda a estrutura de construção da sociedade e não somente como

execução parlamentar, por isso tem o significado de “participar e decidir efetivamente sobre as questões da sociedade e, especialmente, naquilo que nos afeta. (...) fora da esfera eleitoral” (FARJ, 2008:67).

Podemos identificar alguns exemplos de organização especificista nas federações anarquistas no Brasil, como a Federação Anarquista Gaúcha (FAG)¹⁶, a Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)¹⁷, a Federação Anarquista de São Paulo (FASP), entre outras diversas organizações que têm sua base de inserção social em agrupamentos por coletivos, como a Resistência Popular Gaúcha¹⁸, Organização Popular Aymberê, Organização Libertária Zumbi dos Palmares¹⁹, Resistência Popular Alagoana²⁰, Movimiento de los Trabajadores Desocupados de Argentina (MTD), as fábricas autogeridas também na Argentina, as cooperativas de trabalho no Uruguai e diversas outras associações de bairro, de trabalhadores, sindicatos, coletivos no mundo.etc. e como alternativa de organização popular aos partidos políticos, através da ação direta, democracia direta, autonomia política e social, autogestão e horizontalidade.

As concepções citadas anteriormente são pontos que dão conexão da ideologia anarquista com a prática da autogestão, uma vez que a autogestão é uma forma de organizar de um agrupamento com objetivos comuns que necessitam de compreensão política para adquirir o caráter de resistência. A "prática" se torna, então, fator fundamental à medida que as teorias e ideias se formulam através dela, de forma dinâmica, criativa, pró-ativa, libertária.

Com vistas de conclusão deste capítulo, torna-se necessário elencar algumas características consideradas importantes:

- a) A autogestão não é uma simples forma de administração ou distribuição de tarefas. A autogestão é uma forma de organizar sujeitos com objetivos

¹⁶ FAG: <http://www.vermelhoenegro.org/fag/>

¹⁷ FARJ: <http://www.farj.org/>

¹⁸ Resistência Popular Gaúcha: <http://resistenciapopular.blogspot.com/>

¹⁹ Organização Libertária Zumbi dos Palmares: <http://resistencialibertaria.org/>

²⁰ Resistência Popular Alagoana: <http://resistenciapopular-al.blogspot.com/>

comuns, alicerçados em bases libertárias.

- b) As bases libertárias estão, também, nas tentativas cotidianas de ruptura e/ou questionamentos em relação ao poder do Estado e com qualquer forma autoritária, seja de empresas privadas, governos e/ou partidos políticos de esquerda e/ou de direita e até mesmo movimentos sociais, etc.
- c) Fornecer mecanismos para seu pleno funcionamento, como a democracia direta, horizontalidade organizativa, fóruns deliberativos e de discussão amplamente participativas;
- d) Articular-se com diferentes movimentos sociais, coletivos, associações de bairro, sindicatos que tenham os mesmos objetivos, em diversas escalas e em redes;
- e) Compreender as contradições e dificuldades da construção da autogestão como parte do processo de construção de uma sociedade com base libertária.
- f) Utilizar estratégias que possam fortificar a organização/coletivo, tanto no sentido financeiro, quanto no político, a partir da autonomia política;
- g) Protagonismo dos sujeitos na sua construção.

CAPÍTULO II

Comunidade Autônoma Utopia e Luta, para
além de tijolos: símbolos, resistências,
utopias e lutas

*“Utopia e luta são duas palavras que resumem e sintetizam a verticalidade do povo
trabalhador e oprimido no percurso da história da humanidade.
Incalculáveis são as lutas acontecidas além dos tempos resistindo à barbárie desumana
dos poderosos. Incalculáveis são as vidas injustamente perdidas dos companheiros ao
longo da história nos campos de batalha,
sempre em condição de desvantagem.
Mas o povo no século XXI está ciente dos desafios, consciente de suas
responsabilidades, levantando as bandeiras da justiça social.
São os movimentos pela reforma agrária, urbana, pelo meio ambiente,
os direitos das mulheres, movimentos contra a discriminação sexual,
movimento negro, indígena, estudantil, Movimentos com M maiúsculo
que lutam pela vida e a dignidade de nossos sofridos povos.
Os últimos estudos sobre a superpopulação, a poluição ambiental e
o aquecimento global são previsíveis e as perguntas de
“O que fazer?” são parte de uma equação ainda sem solução.
Pensar na alimentação, saúde, geração de renda, moradia,
consumo de energia, desenvolvimento sustentável, lixo,
poluição ambiental, educação, segurança, recursos naturais e vitais,
principalmente a água, só deixa muitas dúvidas se seremos capazes de resolver.
Bastou menos de 200 anos de capitalismo, sistema genocida,
para colocar em risco os bilhões de anos de vida do planeta.
Os movimentos sociais, como ferramenta indispensável da organização popular, têm o
dever histórico de assumir com responsabilidade a ação revolucionária.
O desafio desta batalha certamente definirá o futuro das próximas gerações.
Reorganizar o confronto das lutas de classes é indispensável, bem como reabrir o
debate interno nos movimentos sociais sobre o vínculo histórico com a esquerda
institucional. Nosso grupo Utopia e Luta declara-se soberano de suas decisões na livre
prática de sua legítima autodeterminação, sempre disposto ao diálogo de conteúdo
revolucionário com todos os segmentos da sociedade trabalhadora e organizações
políticas institucionais com o fim de acelerar
o processo de reorganização revolucionária.
Debater estratégias para atingir objetivamente o capitalismo é nossa prioridade.
A educação e a formação política serão a base da construção de eixos comuns na
orientação da luta de ação direta no confronto cultural com a mídia dominante.
As redes de comunicação alternativas, como rádios comunitárias, jornais e similares,
assim como a construção de propostas artístico-culturais de comprometimento na
formação de opiniões, terão um papel de grande importância em nosso projeto.
Usaremos todas nossas forças na reconstrução do tecido social solidário e participativo,
priorizando a construção de núcleos de geração de renda, como objetivo básico o
reencontro com a dignidade individual e coletiva do povo trabalhador.
Convocamos todas as forças políticas e sociais a refletirem responsavelmente, a
procurarem eixos indispensáveis capazes de unificar a luta no combate ao nosso
inimigo, o capitalismo.”*

Texto aprovado no encontro coletivo do dia 29 de julho de 2007.

2.1 - Ocupação: a ocupação e a organização de vidas em espaços.

"Quem Somos?

Um movimento autônomo, construindo um Assentamento Urbano,
exercitando a autogestão, sustentabilidade
e autonomia como princípios.

Lutamos pela reorganização das lutas urbanas.

Acreditamos na UTOPIA através da LUTA dos POVOS.

O DIREITO DE VIVER NÃO SE MENDIGA, SE TOMA!²¹"

Na madrugada do dia 25 de janeiro de 2005, em Porto Alegre, cerca de 80 pessoas, entre mulheres e homens, idosos e crianças, ocuparam um prédio abandonado no Centro de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Tal ocupação ocorreu no seio do V Fórum Social Mundial e com a iniciativa e apoio do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) e da Rede No Vox²² (Sem Vozes), rede que articula diversas entidades e organizações européias, asiáticas e africanas que debatem o direito à cidade, à moradia, ao trabalho, etc. O prédio em questão, localizado na emblemática escadaria da Av. Borges de Medeiros, número 721, no centro da cidade com a cesta básica mais cara do país²³, pertencia ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). A ocupação foi uma forma de chamar a atenção dos participantes do Fórum Social Mundial – que ocorria em Porto Alegre neste mesmo período - para os “despossuídos” do mundo.

²¹ Texto retirado do site: <http://utopia-e-luta.blogspot.com/> - acesso em setembro de 2011.

²² Rede NoVox: <http://www.no-vox.org/>

²³ Dados fornecidos pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Disponíveis no sítio:

<<http://www.dieese.org.br/rel/rac/traabr10.xml#POA>> - Consultado em 4 de maio de 2010.

Ana, moradora há três anos do Utopia e Luta²⁴, relata que no momento da ocupação, policiais armados cercaram o prédio e a segurança improvisada organizada pelos próprios ocupantes, impedindo a entrada e saída de pessoas e alimentos. Segundo Ana, “quando chegamos à porta do prédio, cheio de bandeiras, alguns estavam até com pedaços de pau, chegou a dar um frio na barriga, era polícia por todo o prédio, parecíamos bandidos!”

Ocupação semelhante já havia sido realizada no Fórum Social Mundial anterior, também em Porto Alegre, porém nada havia se alterado por parte do poder público. Talvez a última ocupação tenha servido de lição para os ocupantes, pois desta vez, iniciaram-se as negociações da Cooperativa de Produção, Trabalho e Habitação LTDA. (Coopernova) - ligada ao MNLM - diretamente com o INSS e com a União, por meio do Programa de Crédito Solidário (PCS) do Ministério das Cidades.

O prédio destinado à moradia é resultado da medida provisória 335/06 aprovada na Câmara dos Deputados e transformada em Projeto de Lei de Conversão²⁵ em abril de 2007. Em 15 de maio desse mesmo ano foi aprovado o Projeto de Lei de Conversão, transformando-se na lei 11.481/jun de 2007. Essa lei visava possibilitar o uso de prédios públicos da União em desuso ao direito de posse através do Sistema Nacional de Habitação e Interesse Social. Esse foi o primeiro caso de destinação de prédio público para moradia popular e também o único, pois logo após a execução, esta lei foi derrubada. De acordo com informações do Ministério das Cidades

O valor total do investimento foi de R\$ 1,06 milhão – cada unidade habitacional custou R\$ 25.262. Do montante total, R\$ 170,6 mil correspondem ao preço do imóvel. O valor financiado pelo Programa de Crédito Solidário é de R\$ 1, 008 milhão, sendo R\$ 24 mil por família. O programa de financiamento não tem juros e o prazo para pagamento é de 240 meses. Cada família beneficiada participa, ainda, com o

²⁴ Entrevista cedida em janeiro de 2010.

²⁵ Projeto de Lei de Conversão (PLC) é quando uma Medida Provisória é alterada pelo seu relator. O PLC para ser aprovado precisa passar pelo Senado e ser sancionado pelo Presidente da República.

pagamento de R\$ 1.262,00. (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2008)²⁶

Marcelo²⁷, natural de Bagé, estudante de enfermagem e morador do Utopia e Luta, relata que depois da conquista o mais difícil foi conseguir ter “alguma voz no projeto”, ou seja, algum tipo de intervenção, pois, depois de mais de dez anos de abandono, o prédio necessitava de restauração e reforma e isso só poderia se concretizar, legalmente, em contrato com alguma empreiteira. O valor destinado para a obra, definido pelo Programa de Crédito Solidário e pelo sindicato dos Arquitetos e Engenheiros do Estado do Rio Grande do Sul, foi de aproximadamente dois milhões de reais e, de acordo com Marcelo, “nenhuma empreiteira queria pegar o projeto”, pois as empreiteiras julgavam que o valor estava muito abaixo do necessário para realizar todas as reformas previstas.

Depois de longas negociações, em um acordo com o Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio Grande do Sul, foi feito o projeto no valor de R\$ 720.000,00. No acordo de reforma também estava estabelecido a participação ativa dos moradores ajudando na reforma do prédio, na segurança e na alimentação dos trabalhadores da construção civil. Essa participação foi fundamental para o barateamento dos custos da obra.

Após a entrega do prédio, em 2007, houve a ruptura com o MNLM devido ao conflito de concepções ideológicas entre alguns moradores e o MNLM. Além disso, algumas preocupações ainda faziam parte do cotidiano dos moradores: uma era garantir que o projeto seria aprovado e os recursos seriam recebidos; a outra preocupação era o receio de setores políticos mais conservadores em impedir a autonomia na gestão do prédio. De acordo com Moacir, 54 anos, “a maioria ajudou, sem-terra, ambientalistas, catadores, coletivos autônomos, partidos, anarquistas... era de tudo um pouco. Mas muitos também pisavam quase nunca no nosso meio e diziam

²⁶ Ministério das Cidades: <http://www.cidades.gov.br/noticias/predio-do-inss-no-rs-destinado-a-moradia/>
Acesso: 15 de março de 2010.

²⁷ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

que tudo era graças a eles. Deu muita peleia isso tudo”. Ainda de acordo com Moacir, “nem todo mundo concordava, nem todo mundo entendia também. Mas conseguimos separar bem as coisas e ver até onde eles (os movimentos sociais) poderiam realmente ajudar e nos apoiar” ²⁸.

MESOMO (2009:18), ao realizar um estudo antropológico sobre o Utopia e Luta, descreveu da seguinte forma o momento de entrega oficial do prédio:

A presença do MNLM na cerimônia oficial causou certo mal-estar, por que às vésperas do evento o Utopia e Luta havia rompido com a organização e os moradores e militantes vestiam, na ocasião, camisetas vermelhas com o símbolo da comunidade sobreposto (...). A forte presença do Estado também possibilitou receber algumas características constitutivas daquele grupo. Enquanto apenas dois militantes de movimentos sociais tiveram espaço para discursar na cerimônia, nada menos que seis representantes oficiais fizeram suas falas. No seu discurso, o Estado tentava, a todo instante, incorporar aquele processo e seus louros relativos a um projeto desenvolvimentista nacional mais amplo, ou mesmo a questões governistas. Entretanto, havia uma preocupação muito grande das pessoas (entre militantes e moradores que compareceram à cerimônia) em evitar esse abafamento do protagonismo na conquista do prédio. Na forma de um sutil e insolente caçoar das autoridades: “deixa as pessoas importantes passarem que elas têm que entrar primeiro”. (...).

A partir da auto-organização dos ocupantes na vigília do prédio, articulou-se a Comunidade Autônoma Utopia e Luta que, posteriormente, criaria a Cooperativa de Solidariedade Utopia e Luta (Coopsul) com o intuito de responder juridicamente pelo condomínio e substituir a Coopernova, ligada ao MNLM.

Eduardo Solari, artista uruguaio radicado no Brasil²⁹ e morador do Utopia e Luta, conta que foi necessário estabelecer critérios para os novos moradores, pois o número de famílias ocupantes excedia ao número de apartamentos disponíveis. De acordo com Solari, os critérios escolhidos foram a idade dos interessados, a “consciência da luta pela moradia e da autogestão como uma metodologia de resistência para um novo modelo de mundo e não só de moradia” e a concepção de autonomia política, não

²⁸ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

²⁹ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

permitindo que a conquista da moradia servisse como barganha para campanhas político-partidárias. No que se refere ao perfil dos moradores, de acordo com Solari, a maioria são provenientes de bairros periféricos de Porto Alegre, como o Morro da Polícia, Restinga, Partenon, Vila Cruzeiro, etc. As profissões dos moradores são as mais variadas: pedreiros, faxineiras, comerciantes, além de muitos desempregados.

2.2 - O "*braço econômico e político*" ou a Cooperativa Solidária Utopia e Luta (Coopsul)

A constituição da Coopsul, ocorrida em 08 de agosto de 2008, se deu quando perceberam que esta era a única alternativa jurídica para dar continuidade aos projetos que haviam esboçado durante o período de ocupação, como a padaria, a cozinha e a lavanderia coletiva. Era também um modo de manter a autonomia das decisões tomadas pelos moradores em relação aos projetos do prédio. De acordo com documentos analisados³⁰, a COOPSUL define seus princípios e objetivos

COOPSUL reafirma seus princípios de classe na não reprodução do sistema de exploração bem como o não acúmulo de capital financeiro ou material de especulação de bens de consumo ou outros. Nossa organização foi constituída com objetivo na captação de recursos para criação de políticas de autogestão e distribuição de rendas, provenientes do esforço de projetos organizados e com fins multiplicadores da dignidade do povo oprimido. Nestes termos reafirmamos nossa coerência na prática do dia a dia, além das necessidades impostas pelo sistema e manifestamos que não serão as mesmas que farão mudar o rumo da Utopia de Luta classista e revolucionária em prol de um mundo justo e emancipado do poder imposto. Desde aqui nosso respeitoso agradecimento aos parceiros, militantes, entidades sociais, que colaboraram na consolidação e desenvolvimento da entidade só com o fim de ver aplicar suas parcerias com ética e responsabilidade cidadã.

Em entrevista, Jonas³¹, morador do Utopia e Luta desde a sua ocupação, relata por que surgiu a cooperativa afirmando que “tinha muita gente desempregada na

³⁰ Em anexo.

³¹ Entrevista cedida em agosto de 2009.

época, a Coopsul tinha o papel de nos dar autonomia pra gente poder decidir como gerar renda pras famílias de cá”. A Coopsul funciona como gestora das demandas jurídicas do prédio e é gerida por um grupo de coordenadores eleitos em assembléia, com o mandato indeterminado e revogável em assembléia. Ela também tem a função de fazer o debate político com os moradores e com o “sistema”, como definiu Jonas. A cooperativa é, então, um mecanismo de materialização do que identificam ser um “projeto maior”, que significa “um projeto de vida, e não um exemplo de compra de terrenos públicos pela Caixa Econômica Federal com o objetivo de dar um teto para uma família”, conforme relata Jonas. O objetivo é o de criar um espaço “que possa dar aos moradores a possibilidade de seguirem na luta e apoiarem outras famílias, outros despossuídos” ³².

Esse “projeto maior”, se materializa em ações que cumprem alguns dos principais objetivos do Utopia, a geração de renda, a auto-sustentação e consciência de solidariedade de classe. O principal objetivo do Utopia e Luta, segundo relato de alguns moradores, é criar um prática que gerará outra consciência sobre moradia, sobre cidade, uma “relação não capitalista”, que “questione a propriedade privada a partir da nossa casa para o mundo”, podendo, na opinião de Solari³³, se materializar através da cooperativa também.

Atualmente, a Coopsul é responsável pela gestão da verba adquirida através da apresentação de um projeto enviado através de um edital oferecido pela Petrobrás. O primeiro projeto foi enviado em 2008, para a reforma do prédio, porém, a cooperativa não ganhou. O segundo projeto, enviado em 2010, foi aceito. Marcelo, também um dos responsáveis pelas finanças, comenta sobre as ações e propósitos dos projetos.

quando a gente entrou o dinheiro da CEF só deu pra reformar os apartamentos. Todas as áreas comuns agora é que estão sendo reformuladas com a verba da Petrobrás que a gente ganhou ano passado através de um edital público. A gente botou o edital. Daí deu pra

³² Entrevista cedida em março de 2010.

³³ Entrevista cedida em janeiro de 2010.

dar uma reforma geral nas áreas comuns e comprar alguns equipamentos. Então tão acontecendo oficinas nestes espaços, oficinas de formação, geração de emprego e renda, inclusão, muita coisa.³⁴

2.3 A estrutura organizativa ou "Estás pisando em um território de autodeterminação popular"

O caso do Utopia e Luta tem algumas peculiaridades que merecem ser destacadas, a saber: 1. o fato de ser uma ocupação urbana que ocorre em um contexto do "fervor" do Fórum Social Mundial e da atenção das organizações de esquerda em escala global; 2. a intervenção e os interesses de grupos político-partidários em utilizar a conquista do prédio como bandeira de propaganda; 3. o fato do espaço ter sido adquirido, de fato, para moradia e reassentamento (visto que algumas ocupações tem o caráter efêmero por se tratarem de protestos); 4. a diversidade dos ocupantes; e, talvez como principal ponto, 5. que estes, agora moradores, iriam conviver no mesmo espaço. Este cenário resultou em dois anos de ocupação e quatro anos de moradia em 42 unidades habitacionais nas quais 42 famílias dividirão um espaço conquistado através de métodos marginais, a ocupação.

Como organizar o Utopia e Luta e garantir que se mantivesse como espaço político? Para chegar à auto-organização do prédio, enquanto espaço físico e político, essa trajetória passou por diversos momentos de organização e gestão, com perspectivas e propostas políticas divergentes, relações de poder, etc. Exporemos aqui a forma de organização do Utopia e Luta e um breve histórico deste processo.

A ocupação

O Utopia e Luta, durante o processo de ocupação dividia as tarefas de subsistência dos ocupantes, com assembléias periódicas que dividiam as demandas mais urgentes, como o revezamento para a segurança, o auxílio nas reformas do prédio

³⁴ Entrevista cedida em janeiro de 2010.

e o caráter político de permanecer ocupante mesmo sem condições básicas de moradia, visto que o prédio ainda não havia sido entregue

O processo de organização no período de ocupação do prédio também resultou em uma espécie de escola para o processo de autogestão. A esse respeito, Marcelo³⁵, considera que

Autogestão mesmo não tinha, que eu lembre. Começamos a falar sobre isso depois, com o tempo. É muito complicado falar de autogestão com o povo que tá acostumado a ser mandado. Foi bem difícil, mas a autogestão é um processo que construímos no dia-a-dia, é necessário um projeto, uma forma de fazer que a consciência de consumo e de 'preguiça' das pessoas caiam. É preciso que a gente tenha consciência da autogestão como mecanismo revolucionário, da nossa capacidade de autodeterminação e de autonomia.

Após a entrega do prédio para a moradia, foram necessárias novas formas de organização, ainda dentro da realidade de uma série de atores com linhas políticas divergentes, inseridos em partidos políticos, sendo moradores do prédio. Estas divergências ficaram mais acirradas a partir da ruptura com o MNLM - como dito anteriormente - colocando dentro do mesmo espaço a necessidade de habitar e resistir com diferentes projetos de mundo - visto que conquistar moradia no centro de Porto Alegre através da concessão de um prédio público pelo Governo Federal gera além de contradições – como veremos adiante - uma forte bandeira político-partidária. Assim, surgiram duas forças políticas, por assim dizer, a primeira com alguns (ainda que poucos) militantes do Partido dos Trabalhadores (PT); a segunda com postura política oposta que defendia os princípios da autogestão e da autonomia e que estavam a frente do processo de ocupação. Nesta relação de forças se estabelece como organização do prédio a proposta da linha política voltada para a construção da autogestão baseada na autonomia. Marcelo comenta este processo

Daí a gente começou a colocar em prática o projeto político que tava no

³⁵ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

papel, um prédio que sustentava a luta pela moradia, com um projeto de sustentabilidade, de autogestão, no espaço central da cidade, com alto poder especulativo e imobiliário, financeiro e de consumo.³⁶

Este momento de transição de ocupação para moradia gera diversos conflitos. Marcelo também comenta – na mesma entrevista – que esta proposta política que viria a contrapor-se a um projeto centralizado de gestão ou, de forma pessimista, que tornasse o Utopia e Luta em um espaço somente de moradia, isento de qualquer ação mais efetiva dentro dos debates sobre habitação popular, fazendo-o tornar-se apenas um símbolo da conquista da propriedade privada.

O prédio foi visualizado como moradia, ponto. Só que o Utopia e Luta, a partir que tomas as rédeas do processo, a gente queria moradia, mas quer luta também. Então o prédio fica muito pequeno pra servir de depósito de pessoas pro resto da vida esperando pra vender o seu apartamento e voltar pro seu lugar de origem. O prédio seria como uma escola comunitária e solidária pra luta coletiva, ou seja, as pessoas dali cadastradas, que participam há dois anos de reunião, assembléias, do cotidiano, as pessoas que participaram desta jornada aceitaram de pleno acordo com uma gestão coletiva, todo mundo em uma assembléia decidiria o que fazer e qual são prioridade de trabalho do coletivo.

O Utopia e Luta, então, passa a se organizar através da **coordenação** e do **condomínio**. A **coordenação** passa então a gerir as questões políticas, como contato com movimentos sociais, coletivos autônomos, sindicatos, além da administração da Coopsul. O grupo responsável pelo **condomínio** se torna responsável pela gestão da lavanderia, portaria, condomínio dos moradores, entre outras demandas mais específicas. Além disso, estes dois departamentos se tornam os responsáveis pela secretaria, responsável por convocar assembléias periódicas, organizar as pautas, etc. A **assembléia** é a instância máxima decisória do Utopia e Luta, espaço onde se revê e se discute as tarefas assumidas pelos moradores, funcionamento da lavanderia, cozinha, portaria e demais espaços coletivos, gestão do condomínio e coordenação, etc.

³⁶ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

A mudança

Em janeiro de 2011, se inicia uma nova organização de gestão, onde as relações de força e de poder se tornam mais claras. O cenário posto se enquadra em três grupos: os moradores que não estão totalmente inseridos no processo de construção política do Utopia e Luta (ainda que poucos e/ou por opção); os moradores que têm sua formação política baseada nos princípios de centralismo democrático, inseridos em partidos políticos, cargos de confiança de parlamentares, etc.; e os moradores que participam da construção desde a época da ocupação e que se auto-reivindicam Movimento Utopia e Luta, pois estiveram a frente do processo de ocupação. Sobre esta última afirmativa, Ana, uma das responsáveis pela Coopsul, afirma:

O Utopia e Luta hoje ele é pessoas, o Utopia e Luta é uma organização autônoma, não hierárquica, não verticalizada, muito horizontalizada até. Quem participa da coordenação do Utopia e Luta é quem trabalha no Utopia e Luta, então, a gente sempre tem algumas lideranças que se fizeram ao longo do caminho pelo seu trabalho mas ao mesmo tempo tá aberto à outras pessoas que queiram se juntar da doação do seu trabalho espontâneo, voluntariado.³⁷

Este cenário coloca em debate a forma de organização, resultando em uma nova divisão de tarefas, aprovada em assembléia. Hoje, o prédio se divide na **Coopsul**, no **financeiro**, no **condomínio**, na **comissão política**, em cinco **núcleos** que abarcam a execução e gestão dos projetos e o **núcleo cultural e de comunicação**.

A equipe **financeira** ou "burocrática", como a denominam os próprios moradores, é atualmente a responsável por negociações burocráticas com a prefeitura – IPTU, Imposto sobre lixo e iluminação pública e qualquer outra demanda que houver -, a administração da verba do projeto da Petrobrás, a Caixa Econômica Federal. A equipe de **condomínio** continua sendo responsável pelos espaços coletivos dos moradores, como a lavanderia, conservação do prédio, lixo, portaria e cobrança do

³⁷ Entrevista concedida em março de 2011.

condomínio. O valor do condomínio é referente ao gasto de água, luz e algum outro gasto com a conservação do prédio, como pintura, encanamento. O valor total é dividido pelo número de unidades habitacionais, de acordo com o consumo.

As diferenças existentes entre a estrutura organizativa do Utopia e Luta antes de 2011 estão, basicamente, na distribuição das tarefas que antes estavam centralizadas na **coordenação** e no **condomínio** e que agora encontram-se divididas em **núcleos** abaixo identificados e em uma **comissão política**. Dissolvida, em assembléia, a **coordenação**, foram organizados cinco núcleos diferentes, de acordo com as novas possibilidades que surgiram a partir da verba obtida com o projeto aprovado pela Petrobrás. Os núcleos são os seguintes: **corte e costura, padaria, horta hidropônica, serigrafia e lavanderia comunitária**, sendo que cada núcleo tem um monitor. Além dos núcleos, existem também a **comissão cultural**, que cuida da agenda do Quilombo das Artes e intervenções culturais com outros coletivos populares e a **comissão política**, que é responsável por fazer os contatos externos com outros movimentos e outros grupos, como sindicatos, associações, etc.

Dentre as entrevistas e a vivência no Utopia e Luta, foi possível escutar diversas vezes a palavra "projeto", pronunciada com diversos sentidos: no sentido político, no sentido de "projetar" algo para o futuro e, também no sentido de um documento elaborado com algum objetivo, como os projetos enviados para concorrer aos editais públicos. Ao mesmo tempo, nota-se que, ainda que utilizados em contextos diferentes, o sentido da palavra "projeto" converge para um objetivo comum. Exporemos aqui alguns projetos que estão se concretizando ao longo da história e das contradições do Utopia e Luta.

Com a obtenção da verba, foi possível reiniciar algumas reformas dos espaços coletivos. Rodrigo, educador social de rua e morador do Utopia e Luta há dois anos, comenta sobre os recursos e aplicação destes para construção destes espaços coletivos:

A gente hoje, com esse recurso, que é um recurso mínimo, conseguiu construir uma estufa, então tem apontado para uma sustentabilidade dos nossos alimentos, a gente pode dentro dessa estufa, que é hidropônica, estar plantando ervas medicinais e já estar fazendo o processo dos nossos remédios, a gente tem um ateliê de costura, que a gente pode estar produzindo as roupas, tem uma serigrafia que pode tá colocando as logomarcas, fazendo dentro desse processo essa disputa, tem uma padaria que tem o potencial de produzir a nossa alimentação. Então, a gente construiu e vem construindo bases que tem que dentro desse processo ir se consolidando, que é base que a gente acabe rompendo com as dependentes que a gente tem do Zaffari³⁸, das redes, dos monopólios.³⁹

Foi possível observar também nos trabalhos de campo e nas investigações documentais que o objetivo central destes projetos é criar autonomia para os moradores no sentido de ampliar as possibilidades de geração de renda. O diferencial destes espaços de geração de renda para os convencionais é o viés político explícito, ou seja, não se nega ser um espaço de formação política. A estes projetos geradores de autonomia os moradores chamam de "sustentabilidade", como pudemos observar nas entrevistas a compreensão de "sustentabilidade" colocada pelo Utopia e Luta é justamente de conquista plena de independência econômica e autonomia política. A esse respeito, Nara, moradora recente do Utopia e Luta e ministrante dos curso de corte e costura, comenta,

Então todas estas áreas estão dispostas a fazer uma luta coletiva, uma aglomeração de pessoas que estão dispostas a fazer e queiram botar este projeto coletivo pra frente e sobreviver, que o mais importante, sobreviver com dignidade⁴⁰

Ou, como reafirma Rodrigo.

a gente podia bem entrar aqui no prédio e ficar cada um no seu apartamento, alugar as áreas comuns, botar a venda algumas coisas e viver de renda. Mas não, a gente optou por fazer dos espaços comuns núcleos de geração de renda e aglomeração coletiva.

³⁸ O Grupo Zaffari é uma rede supermercados gaúcha. <http://www.zaffari.com.br>

³⁹ Entrevista concedida em março de 2011.

⁴⁰ Entrevista concedida em maio de 2011.

Núcleos

O núcleo de **corte e costura** é o mais recente dentro do Utopia e Luta, visto que foi concretizado a partir da compra de máquinas de costura industrial, do tipo profissional ocorrida após a aprovação da requisição de recurso do edital público da Petrobrás. Este núcleo parte de um desejo antigo dos moradores do Utopia e Luta, porém, com o alto custo das máquinas de costura do tipo profissional, foi possível adquiri-las somente após a concretização do projeto. Este núcleo funciona através de cursos ministrados por moradoras e segue o mesmo intuito de formação profissional visando a "sustentabilidade" e a geração de renda, ou seja, projetar a autonomia financeira. Não existe um excedente suficiente para montar um comércio, mas o que existe é vendido, geralmente, em feiras que a Coopsul é convidada para participar ou alguma atividade aberta no Quilombo das Artes.

O segundo núcleo é a **lavanderia coletiva**, que fica no subsolo do prédio. Ela foi montada a partir de um edital com a Eletrosul⁴¹, quando adquiriram duas máquinas industriais. Nas assembléias, as 42 famílias optaram por não ter máquina de lavar roupa particular, pois consideraram que isto comportaria um gasto desnecessário com luz e água. Dessa forma, ficou estabelecido que na lavanderia tivesse uma escala, dividida em dias da semana, onde um responsável por andar lavaria a roupa de todos os moradores do seu andar, através de rodízio, sem nenhuma remuneração. Ficou estabelecido também que cada família teria um limite de peso de roupas. De acordo com o Ernani Rosseto,⁴² 26 anos, morador, “essa prática é um método pensado para, além de auxiliar na economia de água e luz, ser um exercício de responsabilidade e coletividade”. Além disso, os moradores também têm uma escala na limpeza e manutenção do prédio.

A **padaria** iniciou como um projeto interno, onde os moradores poderiam utilizar o espaço, no andar térreo, para fazer pães, bolos, etc. Com a perspectiva de auxiliar na

⁴¹ Eletrosul Centrais Elétricas S.A. é uma empresa subsidiária de Centrais Elétricas do Brasil S.A. - ELETROBRÁS, vinculada ao Ministério de Minas e Energia.

⁴² Entrevista concedida em maio de 2011.

renda familiar os moradores optaram, em assembléia, por utilizar o espaço da cozinha coletiva⁴³ como panificadora, ocasião em que a Coopsul apontou para a possibilidade de uma padaria voltada para o público. Nesse espaço são feitos pães, pizzas, bolos, doces que são vendidos em três modos diversos: sob encomenda para eventos, no prédio para os moradores, a domicílio e aberto para o público, que encontra-se localizado em uma das portas de entrada do prédio, no andar térreo.

A cozinha, além de abrigar o espaço para produzir os alimentos vendidos na padaria, também abriga uma “feirinha”, onde componentes do núcleo se articulam para buscar frutas e verduras - que não são produzidos pela horta hidropônica - no Ceasa⁴⁴ ou no Mercado Público, o que resulta em um barateamento significativo em relação ao acesso aos mercados no centro de Porto Alegre, visto que os super-mercados do centro vendem seus produtos a preço mais elevado. Além disso, os componentes do núcleo da padaria ministram oficinas de panificação para os moradores e para o público, sem custos. Este também é um exemplo dentro da proposta de sustentabilidade e geração de renda.

O núcleo da **serigrafia** retornou às suas atividades devido ao investimento proveniente do edital da Petrobrás. Anteriormente havia este espaço, mas foi desativado por falta de demanda e de pessoas interessadas em gerir. Segundo Ernani⁴⁵, um dos responsáveis pela serigrafia, “tinha gente que não podia ficar sem trabalhar e esperar surgir alguma coisa na serigrafia, hoje tem mais gente pensando em reativar, pois estamos programando cursos de capacitação pros moradores do prédio e pros interessados em geral, principalmente população em situação de rua”.

O espaço **Quilombo das Artes** é o local onde ocorrem as atividades culturais e políticas. Localiza-se no andar térreo, em um espaço que compõe o prédio de frente para a Avenida Borges de Medeiros. Frequentemente ocorrem atividades como teatro,

⁴³ Vale ressaltar que cada unidade habitacional possui sua própria cozinha.

⁴⁴ Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul S.A.

⁴⁵ Entrevista cedida em fevereiro de 2011.

dança, debates, palestras e oficinas, reuniões de coletivos e movimentos sociais, como veremos adiante. O Quilombo das Artes é gerido pelo **núcleo** de comunicação e cultura para fins de agendamento do espaço e conservação. Vale ressaltar que não existe qualquer tipo de cobrança de algum valor para o uso do espaço.

Existem mais dois projetos que estão em vias de ser implantados. Um deles é a **rádio comunitária**, com a proposta de realizar debates políticos e lazer em ondas que alcancem parte do centro de Porto Alegre. O segundo é a criação de um espaço voltado para as **crianças**, onde as mães e pais que trabalham fora possam deixar seus filhos sem terem gastos com creches ou até mesmo ter que pagar para alguém cuidá-los.

Outros espaços de uso coletivo, como a **portaria do prédio**, são de responsabilidade da **Comissão de condomínio**. É ela a responsável pela organização de uma escala para permanência. São três turnos o dia inteiro (oito horas cada turno) onde os próprios moradores, voluntariamente, se organizam em escalas e assumem as atividades de “porteiros”, cuidando da entrada e saída de moradores e visitantes.

Existem regras de convivência entre os moradores, como o cuidado na segurança de quem entra no prédio. Uma das regras é a necessidade de identificação dos visitantes que, algumas vezes, devem até apresentar documentação. Na porta do elevador, para economizar energia elétrica, há uma orientação de que o mesmo seja utilizado somente para subir os andares, ao descer, orienta-se que se utilizem as escadas.

Todos os andares são temáticos. O primeiro andar é destinado aos mais idosos, batizado de “Andar do Homem Novo”, grafado pela imagem do revolucionário Che Guevara. Os outros andares⁴⁶ são dedicados, respectivamente, à “Consciência Negra”, aos “Povos Indígenas”, à “Juventude”, à “Biodiversidade”, à “Mulher” e à “Revolução” (Figura 8). Todos os andares possuem grafias nas paredes representando seu respectivo tema. A arte é de autoria do Coletivo Muralha Rubro-Negra, coletivo voltado

⁴⁶ As ilustrações dos outros andares encontram-se em anexo.

à prática da arte e do “muralismo” como forma de intervenção política.⁴⁷

2.3 - A edificação em movimento: solidariedade e ações conjuntas

Para manter o caráter político, que vem se solidificando desde a ocupação, a Comunidade Autônoma Utopia e Luta estabelece parcerias com diversos movimentos sociais e coletivos autônomos. A partir dessa premissa, surge dos moradores a vontade de propagandear a ação direta como um método político de conquista. Esta tarefa fica sob a responsabilidade da **comissão política**, que busca o diálogo com movimentos sociais e coletivos autônomos que debatem, principalmente, a questão urbana.

A comissão política tem por objetivo articular com os movimentos sociais e coletivos que estabelecem parcerias com as demandas políticas do Utopia e Luta. Estas parcerias não são delimitadas e estabelecidas unicamente pelos membros da comissão, mas são construídas cotidianamente, a medida que estes movimentos e coletivos colaboram e freqüentam o Utopia e Luta, em uma espécie de relação de amizade.

De acordo com a vivência em campo, foi possível observar que, na maioria dos casos, os movimentos sociais e coletivos autônomos buscam no Utopia e Luta um movimento para realizar ações conjuntas, como atos políticos, marchas, etc. assim como um espaço físico para abrigar reuniões, plenárias, realizar mini-cursos, oficinas,

47 De acordo com o sítio eletrônico do Coletivo Muralha Rubro Negra, "o muralismo tem o caráter de intenção revolucionária e libertária, transformando em um veículo de comunicação para potencializar os conflitos existentes. A estética libertária é inspirada nas experiências Latino-Americanas de muralismo. No entanto, adiciona-se o estilo e as particularidades da realidade vivida pelo nosso povo. A produção artística é coletiva, isso significa dizer que se produz o mural juntamente com todos aqueles que se interessam em participar pintando, conhecendo a estética e incorporando elementos novos a partir da troca oportunizada pelo contato com o outro. Com a prática muralista registra-se e denuncia-se os problemas enfrentados pelo povo que resiste à opressão diária. O fazer muralista está aberto à participação daqueles sem direito a voz, mas que resistem e utilizam o mural para informar através de uma ação artística combativa e solidária com aqueles que lutam!" (texto retirado e adaptado do sítio eletrônico: <<http://muralharubronegrabrasil.blogspot.com/>>. Acesso em 07 de maio de 2010.

entre outros. Briza⁴⁸, um dos responsáveis pela comissão de cultura afirma

A gente sempre empresta os espaços aqui do prédio pra outros movimentos, pra tentar fazer um espaço popular, que seja autônomo e popular, pela autodeterminação dos povos. Então um movimento que se adequar a esta proposta de coletivo tá no Utopia e Luta também e ao mesmo tempo a gente tá neste coletivo. Então tudo se organiza de uma forma muito dinâmica.

Foi possível também identificar que o Utopia e Luta se mistura entre moradia e identidade de movimento social. Essa identidade se sustenta, de acordo com os moradores e moradoras, através da história da ocupação e da vida dos moradores inseridos em uma moradia que reivindica pautas políticas. Este caráter de movimento social defendido pelos moradores faz com que exista a necessidade de articulação com outros grupos. Ao falar do Utopia e Luta enquanto movimento, Guilherme, nos diz que

O movimento Utopia e Luta é isso aí, ele não é só o Utopia e Luta, ele é agregador, um catalisador, um agregador de outros movimentos. Tem vezes que o Utopia e Luta tem 500 pessoas, tem vezes que tem dois, depende do momento. A exemplo do que aconteceu faz pouco tempo, andaram pixando as nossas paredes com suásticas, com símbolos nazistas, em uma semana a gente organizou uma marcha com 500 pessoas, então, é um apoio, uma luta que a gente tem um respaldo de outros movimentos por que a gente tem uma luta comum, um apoio.

Alguns movimentos sociais e coletivos que participam do Utopia e Luta, seja em ações conjuntas, seja no cotidiano do prédio:

- Movimento Nacional de Catadores de Resíduos⁴⁹ (MNCR);
- Coletivo Mulheres Rebeldes⁵⁰;
- Resistência Popular Gaúcha⁵¹;
- Levante da Juventude⁵²;

⁴⁸ Entrevista cedida em janeiro de 2010.

⁴⁹ MNCR - <http://www.mncr.org.br/>

⁵⁰ Mulheres Rebeldes - <http://mulheresrebeldes.blogspot.com/>

⁵¹ Resistência Popular – <http://resistenciapopular.blogspot.com/>

- Grupo de Apoio à Reforma Agrária (GARRA);⁵³
- Levanta Favela⁵⁴;
- Teatro Ói Nós Aqui Traveiz⁵⁵;
- Grupo Nuances⁵⁶
- Ação anti-sexista;⁵⁷
- Casa de Resistência Cultural;⁵⁸
- Coletivo Catarse;⁵⁹
- Coletivo Muralha Rubro-Negra;⁶⁰
- Espaço Libertário Moinho Negro;⁶¹
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra;⁶²
- Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas (ELAOPA)⁶³,
- Massa Crítica.⁶⁴

Estes movimentos têm o caráter local, nacional, regional e internacional. Quando questionados sobre a participação de movimentos sociais e coletivos no

⁵² Levante Popular da Juventude - <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com/>

⁵³ Garra: <http://www.ufrgs.br/viveirismo/ProjetoViveiros2007.htm>

⁵⁴ Levanta Favela - <http://levantafavela.blogspot.com/>

⁵⁵ Tribo de atuadores Ói Nós Aqui Traveiz - <http://www.oinoisaquitraveiz.com.br/>

⁵⁶ Grupo Nuances: pela livre orientação sexual.

⁵⁷ Ação Anti-sexista: <http://anarcopunk.org/acaoantisexista/>

⁵⁸ Casa de Resistência Cultural: <http://casaderesistenciacultural.blogspot.com/>

⁵⁹ Coletivo Catarse: <http://coletivocatarse.blogspot.com/>

⁶⁰ Coletivo Muralha Rubro-Negra: <http://muralharubronegrabrasil.blogspot.com/>

⁶¹ Espaço Libertário Moinho Negro: <http://moinhonegro.blogspot.com/>

⁶² Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra: <http://mst.org.br>

⁶³ ELAOPA: <http://www.elaopa.org/>

⁶⁴ Massa Crítica: <http://massacriticapoa.wordpress.com/>

cotidiano do Utopia e Luta, os moradores apóiam. De acordo com Eduardo⁶⁵, “os movimentos sociais são parceiros do Utopia e Luta desde o início da ocupação. Sempre são bem-vindos para participar e colaborar aqui, desde que não tire nosso maior triunfo, a nossa autonomia”.

Entre as atividades promovidas pela Comunidade Autônoma Utopia e Luta, podem ser citadas⁶⁶:

- Dia Internacional da Mulher, realizado em oito de março de 2008, promovido pela comissão de Mulheres da Comunidade Utopia e Luta, com o tema dos direitos da mulher, a Lei Maria da Penha, exibição do filme “O aborto dos outros⁶⁷”, recital de poesias, oficina de customização e fuxico, mostra de artesanato, brechó e almoço comunitário.

- 1º de Maio no Utopia e Luta. O primeiro ocorreu em 2008 , no ano da ocupação, com o tema “A experiência Zapatista da autonomia: resistência com identidade, tradição e criatividade”, ministrada pelo professor Jorge Quilfeldt, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As atividades também contaram com brechó, técnica vocal, feira de alimentação, mostra de CD's independentes, artesanato, exibição de filmes, recreação infantil, mostra fotográfica, oficinas, apresentações musicais, serigrafia. Este evento contou com grande participação, e desde então, o 1º de maio se tornou um dia de aprendizado político e confraternização.

- II Seminário sobre reforma urbana, realizado em dezembro de 2008 com o tema “educação, meio ambiente, cultura, saúde, trabalho e reforma urbana”;

- III Seminário Utopia e Luta, realizado em outubro de 2009, com o tema “Reorganização da luta urbana a partir da prática da autonomia popular”;

- O Projeto “Voltando para a casa”, realizado em novembro de 2009, com temas voltados para a moradia popular e os moradores de rua;

⁶⁵ Entrevista concedida em janeiro de 2010.

⁶⁶ Os cartazes destas e de outras atividades encontram-se em anexo.

⁶⁷ O aborto dos outros. – Carla Gallo (Brasil, 2008)

- Reuniões do Comitê Popular da Copa, visando a organização do coletivo que debate a questão urbana e a copa do mundo. Não existe uma periodicidade exata, mas uma média de 2 reuniões por mês.

- "Todos e Todas contra a opressão" manifestação contra o racismo, o nazifascismo e todo o tipo de opressão, julho de 2011.

- "5ª Feira da Biodiversidade", promovida pela Prefeitura de Porto Alegre, em maio de 2011.

- "Cine Escadaria" – Mostra de filmes com debate.

- "Oficina Zapatista de metodologia de consenso" – agosto de 2009, setembro de 2010, setembro de 2011.

- "Festa da mulherada no Utopia" – com shows, palestras sobre direito da mulher, oficina de maquiagem e pedicure, oficinas de tranças afros, etc. Março de 2011.

- Oficinas de panificação, serigrafia, manutenção de horta, corte e costura, gratuitas e abertas ao público.

- "A Outra Festa II: por uma copa que respeite os direitos dos povos", com teatro, feira de troca, economia solidária, mostra de filmes e documentários, dança, capoeira, batucada, música, artesanato. Dezembro de 2010.

- "Curso intensivo de samba no pé". Março de 2011.

- "Mutirão dos tomates", momento de reorganização do terraço da horta, com discussão e planejamento do espaço. Fevereiro de 2011.

- Exibição do filme "O Veneno está na mesa", com apresentação e debate. Agosto de 2011.

- Palestra: "O que cada pode ganhar com a Economia Solidária", com Ruth Ignácio. Agosto de 2011.

- "Expoagasalho", exposição de artistas populares para arrecadação de agasalhos para os moradores em situação de rua. Agosto de 2011.

- Encontros e debates sobre a construção de um espaço aos moldes dos

caracóis zapatistas, chamado de "Caracol Libertário".

- "Encontro da democracia direta e não-violência". Julho de 2011.

Além disso, outras atividades de apoio político fazem parte do cotidiano do Utopia e Luta como o apoio ao Movimento das Mulheres Campesinas (MMC), ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aos Movimentos Quilombolas, Indígenas, etc.⁶⁸

⁶⁸ Outras atividades ocorridas na Comunidade Autônoma Utopia e Luta se encontram em anexo.

CAPÍTULO III – GEOGRAFIA E OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIAS

O capítulo final desta dissertação é buscar na Geografia conceitos que corroborem com a autogestão a partir dos elementos elencados no capítulo I e II. Após ampla revisão bibliográfica, foram elencados algumas fundamentações teóricas que visam dar o caráter conclusivo desta pesquisa.

Para tanto, buscou-se analisar as observações realizadas até o momento e balizá-las na dimensão territorial, por compreender território como o espaço geográfico apropriado e territorializado pelo processo de apropriação, engendrado por identidades/territorialidades, materializado dialeticamente em uma determinada configuração territorial. (PORTO GONÇAVES, 2002).

Para alcançar os atores e os argumentos que fundamentam esta apropriação, assim como as identidades e territorialidades engendradas em relações de poder, assim como a configuração territorial almejada, fez-se necessário, pelo próprio (des)caminho que tomou a pesquisa e/ou pelos resultados apresentados com as entrevistas nos trabalhos de campo, alguns novos agentes: como as relações de poder, a cidade, a política, a importância da autonomia, da organização.

O objetivo deste capítulo é, então, dar linearidade ao território e à autogestão buscando complementá-los e significá-los enquanto territórios de resistência.

Nada mais justo, e não menos importante, entender o território enquanto conceito construído pela ciência e utilizado a partir de contextos históricos entre elementos políticos, econômicos e sociais configurados a partir da ação de sujeitos. Para tanto, optamos por discorrer um breve relato da construção do conceito de território e a influência do contexto político no qual está inserido.

3.1 - Uma breve história de resistência

Com a transição do feudalismo para o capitalismo, fase intitulada como capitalismo quando a Europa estava então centralizada territorialmente no poderio econômico da Inglaterra perante a nova necessidade de formação de um comércio que suprisse as necessidades dos centros urbanos. Esse novo contexto também cria e recria formas de resistência, pois, se por um lado estamos vislumbrando a ascensão da burguesia, por outro lado o trabalho assalariado fica mais insinuante. Com o surgimento das indústrias na fase conhecida como capitalismo industrial teremos então novos elementos transformadores. É neste momento do desenvolvimento do capitalismo que a ciência ganha estatuto que se reverte como argumento tanto para a burguesia consolidada, ao Estado e aos impérios, como para a luta dos trabalhadores. Nesta fase se reforça um complexo de mercado unificado e estabelecido sobre as bases do território nacional (SAQUET, 2007) já integrando-se ao sistema internacional, como a Revolução Francesa, Estadounidense e a Conferência de Berlim. Em contrapartida, teremos então, na resistência dos trabalhadores na própria Europa e dos dominados pelo colonialismo - fornecedores de matéria-prima para os países industrializados (África, por exemplo). Na Europa, em Londres, em 1864, a resistência ao capitalismo se materializa com a constituição da Associação Internacional dos Trabalhadores, onde os socialistas discípulos de Marx e os anarquistas discípulos de Bakunin apresentaram e defenderam as suas propostas para a sociedade revolucionária. A criação da Associação Internacional dos Trabalhadores e suas ações e influências durante este período de expansão do capitalismo no mundo, afloraram, também, a expansão de territórios que resistiam ao capitalismo, territorializando-se através da fortificação de sindicatos, quedas de impérios e aparecimento de repúblicas, assim como os pensamentos fundamentais que guiaram a Revolução Francesa, Russa, Espanhola, sendo as duas últimas no século posterior. No Brasil, precedendo a Independência de Portugal, ocorreu a Insurreição da Praieira, em 1848, assim como as experiências da Colônia Cecília, no final do século XIX.

Ao passo da descoberta da energia elétrica, máquina à vapor, meios comunicação mais eficazes, no plano das ciências humanas tínhamos a formação de correntes de pensamento que guiariam, inclusive, a formação do Estado-nação e apropriação da ciência para a manutenção destes. Na geografia não seria diferente, a ciência já estava voltada à política, os estudos de Ratzel foram influenciados e a serviço da transformação e formação da Alemanha em um Estado industrial, assistindo às lutas que a Prússia manteve com a Dinamarca, com a Áustria e finalmente com a França, para formar o Império Alemão (ANDRADE, 1985). No pensamento científico havia também a resistência no pensamento do geógrafo anarquista Elisée Reclus, que nunca se aliou aos interesses da burguesia francesa nem as suas coligações (ANDRADE, 1985). O preço que pagou por essa posição resultou, também, na geografia lablachiana, especialmente no caso brasileiro, perdendo espaço para o então geógrafo francês Vidal de La Blache, discípulo de Ratzel.

No período entre guerras, quando o imperialismo europeu e a economia estadunidense avançavam em escala global, conquistando novos territórios, a resistência também se territorializava. Se por um lado tivemos vários territórios nacionais desestabilizados pela Queda da Bolsa de Nova York, em 1929, que colocava milhares de desempregados nas filas em busca de empregos, por outro lado tínhamos os sindicatos mais fortificados e demasiados influenciados pela Revolução Russa de 1917 e pela Guerra Civil Espanhola, em 1936. Outro fato histórico extremamente relevante está na autogestão iugoslava de Tito, nos anos 50 e 60, onde a autogestão era uma forma de práticas políticas e econômicas, territorializadas, que se contrapunham ao Stalinismo de economia planificada (GUILERM e BOURDET, 1976).

Todavia, chamamos a atenção ao fato que à medida que o capitalismo se expande ou altera sua escala de atuação, concomitantemente, os explorados, de qualquer época da história, também resistiam, criando e recriando territórios, seja através das lutas camponesas contra os senhores feudais, seja no surgimento dos

sindicatos, das Comunas de Paris, dos Sovietes, dos organismos autogestionados da Espanha, entre centenas de outros mais. Suscitamos esta breve análise para provocar um debate em torno dos agrupamentos de pessoas que se organizam, mesmo estando subjugadas à lógica do sistema capitalista, buscando subverter organizando-se em torno de práticas políticas que emanam autonomia e, por vezes, produzindo territórios através da autogestão.

3.2 - Sobre o território (e/ou poder) e territorialidades (e/ou estratégias de organização)

Unido às mudanças de compreensões (e adoções) da importância do território em novas configurações espaciais, o território já não serve somente como caracterizador do Estado-nação, da espacialização do patriotismo, mas sim se constituindo através de várias vertentes, funções e escalas, podendo ter um objetivo específico para a sua espacialização ou simplesmente “surgir” enquanto *lócus* de diferentes objetivos e culturas.

Concordamos com Souza (1995:78) ao afirmar que o território é "fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" gerando e espacializando relações entre os sujeitos por indeterminado tempo e espaço.

Para Souza, o território é, então, a base espacial onde ocorre o poder, onde ele é exercido por diferentes agentes no espaço, de forma relacional (RAFFESTIN, 1993). Ou seja, os interesses que regem e gere o que está por trás das práticas e discursos, é o que vai definir e produzir o que está em disputa e o que constrói estes territórios, de forma dinâmica e dialética. Estes interesses se consolidam através de práticas e concepções políticas, econômicas e sociais disputando a ordenação e a hegemonia espacial. Todavia, afirmar a existência do poder não significa, necessariamente, remeter o poder sobre o outro, o controle e domínio. É, de fato, necessário e intrínseco às

relações sociais. Para FOULCAULT (2002:121)

(...) a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.

Esta possibilidade de resistência se materializa em disputas oriundas da própria relação dos diferentes poderes estabelecidos, ou seja, quem domina, governa ou influencia e como e em que circunstâncias isso ocorre (SOUZA, 2006). Todavia, ao falarmos em diferentes poderes e diferentes políticas, ou como nos coloca RAFFESTIN (1993) "outros poderes e outras políticas", estamos afirmando que entre estes "outros" estão envolvidos outros territórios em outras escalas também como "palco de conflitos" com dois lados (oprimidos e opressores), cada um em seu contexto histórico, dentro da luta de classes (SAQUET, 2007).

Assim, também corroboramos com o Lacoste (1998) ao afirmar que nem todo re-arranjo territorial busca organizar economicamente o espaço, mas, também, organizar no âmbito social e político forjando estratégias de contenção social aos sujeitos historicamente oprimidos pelo capitalismo, "de tal forma que o aparelho de Estado possa estar em condições de abafar os movimentos populares" (LACOSTE, 1998: 39-40).

Visto que identificamos a presença das relações de poder como intrínsecas ao território, e este como "resultado" destas relações e afirmando que relações de poder não são, necessariamente, relações de domínio e controle – mas sim exercidas por agentes que convém o domínio e o controle – resta-nos identificar quem são estes sujeitos e como ocorrem as diferentes apropriações do território.

Trata-se, portanto, de sujeitos que exercem seu poder – e, obviamente, territórios – através da resistência em sua forma de organização, em relação ao poder instituído e estabelecido através de estratégias de controle e dominação. Evidentemente que a forma de organização, enquanto estratégia nas relações de

poder, também está fundamentada em concepções políticas, sociais, econômicas, etc. Estes sujeitos trazem o debate sobre outras questões e outras relações que se estabeleceram em relações de poder, onde se torna necessário resistir, re-existir e se reinventar (PORTO GONÇAVES, 2002) cotidianamente, forjando e recriando relações sociais. A este propósito, pode-se interpretar que as relações de poder engendradas e constituintes do território não significam - ainda que pareça - expostas e relacionadas de maneira dicotômica - visto que citamos anteriormente "opressores e oprimidos" -, mas sim, também, relações de organização de diferentes sujeitos, com posturas políticas e ideológicas agindo em uníssono. De acordo com ARENDT (1985:24),

O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo se mantiver unido.

Ou seja, a manutenção da harmonia em determinada organização coletiva ressalta também o potencial de resistência. Um coletivo com princípios políticos, ideológicos e sociais que agem em uníssono gera diferentes significados, diferentes projetos, diferentes possibilidades, diferentes poderes, sem negar as contradições internas existentes, sem exercer controle ou domínio. Consideramos então que o poder estabelecido nesta relação constitui-se fundamental para qualquer organização autogerida, ou seja, a relação de poder pode se construir a partir do comum acordo entre os sujeitos envolvidos.

Para tanto, é necessária a abordagem em torno da autonomia como fundamental para a construção de uma organização autogerida, uníssona. Referindo-se ao desenvolvimento dos espaços urbanos em sua obra, SOUZA (2005:106) chama a atenção para a necessidade da abordagem do território em sua forma mais complexa, ou seja, cheia de significados e particularidades que pressupõe relações de poder e autonomia.

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir

livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos.

A reflexão sobre autonomia em outros campos do conhecimento, a exemplo da filosofia, em especial da filosofia política contribui intimamente através de Cornélius Castoriadis que, quando fala em sociedade autônoma, não em relação a alguma camada dominante particular, mas também em relação a sua organização - necessidades, técnicas, etc. – pressupõe, também, a autonomia individual, não no sentido individualista, mas sim no sentido de se autogovernar enquanto indivíduo pertencente a um tipo de coletividade (CASTORIADIS, 1981).

Ao defender uma proposta autonomista de organização dos indivíduos territorialmente, principalmente no que diz respeito à gestão e ao planejamento urbano, Souza busca através da autonomia propriedades que possam vincular o estudo de gestão e a importância da autonomia individual e coletiva - postas indissociáveis - para o eficaz funcionamento de qualquer organização, independente da escala de atuação. Concordamos com SOUZA (2000: 72) quando afirma que,

O papel preeminente atribuído à autonomia explica-se à luz do pressuposto de que o caminho democraticamente mais legítimo para se alcançar mais justiça social e uma melhor qualidade de vida é quando os próprios indivíduos e grupos sociais específicos definem os conteúdos concretos e estabelecem as prioridades em relação a isso.

A autonomia passa a ser, então, a base de princípios e ações na totalidade do grupo. Souza pondera que justiça social e qualidade de vida estão subordinados à autonomia. Ou seja, partindo do pressuposto que a autonomia também é o respeito pela mudança de idéias, ações e normas do coletivo, a concepção de justiça e os parâmetros utilizados para qualidade de vida estariam, para funcionarem, numa perspectiva autonomista.

As relações de poder intrínsecas ao território, suas apropriações, manifestações e subjetividades levam a um olhar atento aos sujeitos que estão envolvidos no processo

de apropriação do espaço e ao significado que este atribui a eles (SOUZA, 1995), tecendo, então territorialidades. A territorialidade refere-se, além das relações políticas, diz respeito ao significado dado ao lugar (HAESBAERT, 2004) através de como os sujeitos incorporam a utilização do espaço, aos significados e insígnias grafados no âmbito cultural e subjetivo. Haesbaert (2004:10) dialoga com Souza ao afirmar que a territorialidade

no nosso ponto de vista, é “algo abstrato”, como diz Souza, mas não no sentido radical que a reduz ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado – como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos Judeus. Ou seja, o **poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado** em nossas concepções de território.⁶⁹

Paz (2004), ao estudar as diferentes possibilidades de apropriações dos sem-teto no centro de Porto Alegre, afirma que as territorialidades estão também impressas nas diferentes re-apropriações e sentidos que acabam por forjar resistências - inclusive, à lógica de mercado da cidade. Logo, o território não pode ser visto apenas do viés objetivo e material, mas também através de diversos pressupostos citados anteriormente, e das territorialidades engendradas na subjetividade como apropriações do espaço. Haesbaert (2004) e Souza (1995) atentam que o território pode se materializar, também, em diversas escalas, tanto espaciais, quanto temporais (SOUZA, 1995). De acordo com Haesbaert (2004:19)

O território, como espaço dominado e/ou apropriado, manifesta hoje um sentido multi-escalar e multidimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, de uma multiterritorialidade. E toda ação que efetivamente se pretenda transformadora, hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: ou se trabalha com a multiplicidade de nossos territórios, ou não se alcançará nenhuma mudança positivamente inovadora

⁶⁹ Grifo nosso.

Portanto, as diferentes apropriações do território - e suas diferentes territorialidades – manifestam relações "cuja conquista faz emergir propriedades necessárias à satisfação de necessidades" (RAFFESTIN: 1993:8) de uma organização autogerida, onde a abordagem escalar ocorre e insurge "como dimensão espacial na qual a ação humana, seja ela qual for, efetivamente se realiza" (CORRÊA, 2011:42). Portanto, a abordagem escalar está para além da representação de distâncias (métricas) reais, mas sim, como dimensão espacial indispensável para as possibilidades de ações e territorialidades de organizações coletivas em resistência.

CONCLUSÕES

"Há necessidade e, mais do que isso, urgência
de os movimentos sociais possuírem
táticas e estratégias que lhes possibilitem alcançar seus objetivos,
seus valores e seus sonhos e inscrevê-los sobre um território almejado"
(PAZ, 2004:36)

O caráter conclusivo desta pesquisa consiste em criar um ponto de intersecção entre a autogestão e a geografia, tendo como ponto de apoio a Comunidade Autônoma Utopia e Luta. Para tanto, fez-se a análise dos três capítulos desta pesquisa, investigando as possibilidades, potencialidades e necessidade da autogestão, construindo **territórios de resistência**. O caminho percorrido até aqui, os trabalhos de campo, a vivência no Utopia e Luta, a participação nas atividades políticas, a investigação de referenciais teóricos apontaram para que já havíamos colocado como hipóteses iniciais, a compreensão de território, de autonomia, de democracia, de autogestão e de anarquismo.

Foi possível identificar que existe uma geografia nestes modelos de organização libertários, autogeridos, a partir da perspectiva territorial, configurando territórios em resistência. Como vimos no capítulo I desta dissertação, a autogestão não é uma simples organização baseada na distribuição de tarefas ou de poderes – como a co-gestão e gestão participativa ou os diferentes mecanismos de controle e contenção social - mas sim, se configura em uma forma de organização coletiva que busca resistir às formas de poder autoritárias – podendo ser o Estado, partidos políticos, movimentos sociais centralizados e hierarquizados, etc. Para que isso ocorra, é necessário criar mecanismos de descentralização de poder - como assembléias, conselhos, espaços coletivos – sob valores e princípios construídos

coletivamente e partir das bases da organização.

Trata-se, portanto, da possibilidade de verificar no Utopia e Luta territórios realmente de resistência. E entendendo a resistência como inserida em relações de poder, em diversas esferas:

- A) O Utopia e Luta resiste enquanto habitação, pois vai além das políticas de reassentamento urbanos impostas pela lógica de especulação imobiliária, analisando a partir das entrevistas, se mantendo no centro da cidade como uma de suas reivindicações e princípios.
- B) Observou-se que as relações de poder se colocam em duas perspectivas: a primeira caracterizada pelas relações de poder internas, baseadas nas assembléias, nas diferentes formas de organizar através da autogestão; e a segunda caracterizada pelas relações de poder externas, ou seja, a resistência às políticas de cooptação dos partidos políticos, à pressão da lógica de consumo da cidade, etc.
- C) A autonomia no Utopia e Luta se manifesta como um construção cotidiana, a partir da gestão do seu território como potencializadora da "identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos e todas" (SOUZA)
- D) A Coopsul funciona como articulação para autonomia jurídica e econômica. O "braço", como relataram os moradores, aproximando de forma muito relevante com os ideais anarquistas na emancipação da sociedade a partir do desenvolvimento "de todas as faculdades e poderes de cada ser humano, pela educação, pelo treinamento científico e pela prosperidade material (BAKUNIN, 2002:47) dando sentido à Coopsul e os núcleos enquanto fomentadores de geração de renda no viés político, no sentido de fazer política, se auto-organizar.

- E) O sentido do Utopia e Luta para os moradores se manifesta em uníssono. Da representação da moradia conquistada. Ainda que nem todos concordem com todas as decisões tomadas em assembléia, todos os moradores têm consciência da origem do espaço onde moram e também têm consciência da importância política do Utopia e Luta no contexto das lutas urbanas.

Na dimensão territorial, foi plenamente possível concluir, identificar e reafirmar o território de acordo com os preceitos dissertados no capítulo III desta pesquisa. Conclui-se:

- F) A autogestão é genuinamente ideal como forma de organização territorial, visto que a democracia direta, as relações horizontais, a construção cotidiana e o sentimento de pertencimento caracterizam e convergem com "outros poderes e outras políticas" RAFFESTIN (1993), constituintes da abordagem territorial.
- G) A autogestão descaracteriza por completo a noção de território enquanto base física "conquistada" do Estado-nação.
- H) A autogestão organiza o território, portanto possibilita forjar estratégias de organização e planejamento eficazes em relação aos poderes autoritários.
- I) Foi possível observar a necessidade da dimensão espacial para a concretização da autogestão e da autonomia no Utopia e Luta, visto que, além da fachada do prédio que diz "estás pisando em um território de autodeterminação popular" fica evidente que existe a partir do "conhecimento popular" a noção e a dimensão territorial. Esta noção está engendrada, infiltrada e inserida no cotidiano de resistência do prédio.
- J) As territorialidades se manifestam e se constroem nas ações do Utopia e

Luta, como o Caracol Libertário, os festejos promovidos no centro da cidade, as oficinas ministradas e abertas ao público e das atividades políticas com outros movimentos sociais, criando símbolos políticos que se perpetuam e caracterizam o território.

O debate que se abriu

O caminho percorrido até aqui, também nos apontaram para novos elementos fundamentais, como a compreensão do espaço urbano, da escala e novos movimentos.

Os movimentos sociais e organizações coletivas imprimem e intervêm no espaço. A intervenção do Utopia e Luta, portanto – ainda que existam manifestações intervêm fortemente no plano da cidade. O Utopia e Luta, possui características que merecem a ampliação do debate sobre a apropriação da cidade e disputa territorial nos espaços urbanos. Estas características estão fortemente impressas na sua própria origem de ocupação urbana e de se localizar no centro da cidade. De acordo com ALVES (2010:33)

É no centro da cidade que se materializa o ponto de intercâmbio entre as necessidades de reprodução do capital, que tendem a ser gestadas pelas leis de mercado e, por isso, exigem do poder estatal e dos agentes e empreendedores privados, ações estratégicas para o controle sócio-espacial, e o desejo de apropriação por parte da população da vida urbana, que, nas áreas do centro, estão marcadamente presentes.

Portanto, o Utopia e Luta se estabelece em um espaço que "surge como mercadoria a ser consumida" (CARLOS, 2007:294), constituindo resistência à um modelo de cidade onde a "moradia é uma mercadoria essencial à reprodução da vida" (ibdem). Assim, surge a necessidade de análise no futuro, da intervenção do Utopia e Luta, ou de outros modelos de moradia, no espaço urbano. Espaço este que, de acordo com o SOUZA (2008) está baseado em modelos de planejamento que menosprezam o papel dos movimentos sociais e coletivos que já estão apropriados de estratégias de autogestão do território.

Não menos importante, conclui-se que muito mais que aprender geografia, a geografia deveria "aprender", desvendar e potencializar estas formas de organização autogeridas, libertárias, enquanto outro poder, outra política, outro território, construindo e re-construindo territórios em resistência.

Referências bibliográficas

ALBERT, Michael. **Buscando a autogestão**. In: Autogestão hoje: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca, 2004. p. 17 – 42

ALVES, G. Anunciação. **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação**. São Paulo: FFLCH, 2010.
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/labur.htm>

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: UNB, 1985.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Élisée Reclus**, São Paulo: Editora Ática, 1985.

BAKUNIN, Mikhail A. **Deus e o Estado**. São Paulo: Nu-Sol/Imaginário/Soma, 2000.

_____. **Catecismo revolucionário**: programa da sociedade da revolução internacional. São Paulo: Imaginário, 2009.

BOOKCHIN, Murray. **Autogestão e tecnologias alternativas**. In: Autogestão Hoje: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca, 2004. p. 61 – 84.

_____. **Anarquismo, crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.

BUONFIGLIO, Leda V. O **'direito à cidade' apropriado: da utopia dos sem-teto ao modelo de gestão do Estado**. In: Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis, 2007. p. 266- 284.

CARLOS, A. Fani **Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico**. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. . São Paulo: FFLCH, 2007.
Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/Espaco_urbano1.pdf

CAPELLETTI, Angel J. **La ideologia anarquista**. Barcelona: Editorial Laia, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. **Da ecologia à autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Autogestão industrial**. In: Autogestão Hoje: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca, 2004. p. 43 – 48.

CORREA, Roberto L. A. **Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço**: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SPOSITO, M. E. B.; SOUZA, M. J. L. (Org.). A Produção do Espaço Urbano. São Paulo: Contexto, 2011.

FARJ – Federação Anarquista do Rio de Janeiro. **Anarquismo Social e Organização**. São Paulo: Faísca, 2009.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Vol 1. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GUILLÉN, Abraham. **Socialismo Libertário**. In: Autogestão Hoje: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca, 2004. p. 85 – 120.

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão**: uma mudança radical. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

Disponível em:

<http://w3.msh.univtlse2.fr/cdp/documents/CONFERENCE%20Rogerio%20HAESBAERT.pdf>.

Acessado em 12 de março de 2009

JONG, Rudolf de. A **concepção libertária da transformação social revolucionária**. São Paulo: Faísca, 2008.

KROPOTKIN, Pyotr Alexeyevich. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Organização Simões. 1953.

_____. **O Estado e seu papel histórico**. São Paulo. Imaginário. 2000.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, Papirus, 1988, 262pg.

LEVAL, G.; BERTHIER, R.; MINTZ, F. **Autogestão e anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2002.

MALATESTA, Errico. **Escritos revolucionários**. São Paulo: Imaginário, 2000.

MANFRÉDONIA, G.; BERTHIER, R.; LEVAL, G. (org). **Espanha Libertária: a revolução social contra o fascismo**. São Paulo: Imaginário, 2002.

MESOMO, Juliana F. **Comunidade Autônoma Utopia e Luta: estudo antropológico de uma experiência de moradia urbana**. 2009. 38 f. Monografia em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORTELLADO, Pablo. **A autogestão do capital**. In: Autogestão Hoje: teorias e práticas contemporâneas. São Paulo: Faísca, 2004. p. 49 – 59.

_____. **Princípios da organização democrática**. In: Democracia e Autogestão. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 183-202.

PARRA, Henrique Z. M. **Liberdade e necessidade: empresas de trabalhadores autogeridas e a construção sócio-política da economia**. 2002. 265 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH. Universidade de São Paulo, São Paulo.

PAZ, Daison da. **Território e movimentos sociais: a luta por moradia na região central de Porto Alegre**. 2004. 63 f. Trabalho de conclusão de curso (em Geografia) – Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In: CECEÑA, A, E.; SADER, E. (org). *La Guerra Infinita: Hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2002.

Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>>

Acesso em 04 de outubro de 2008. p. 218 - 256.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário. 2001.

_____. **O que é a propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa. 1975.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Comunas e federações, territórios libertários: a espacialidade anarquista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)**. 2011. 474 f. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

SANTILLÁN, Diego Abad de. **Organismo Econômico da Revolução: a autogestão na revolução Espanhola**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SAQUET, A. Marcos. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA, Marcelo J. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (org). *Geografia: conceitos e temas*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.77 – 116.

_____. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **O Planejamento e a gestão das cidades em uma perspectiva autonomista**. In *Revista Território*, ano V, nº 8, p. 67-100. Rio de Janeiro. 2000.

_____. **A hora e a vez do pensamento libertário**. In *Revista Geografares, Revista do Mestrado em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo*, nº6, 2008, pp. 15-33.

_____. **A prisão e a ágora:** reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006

TRAGTENBERG, Maurício. **Reflexões sobre o Socialismo.** São Paulo: Editora Moderna. 1986.

UNIVERSIDADE POPULAR E MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES DESEMPREGADOS DO RIO DE JANEIRO. **Capitalismo, anticapitalismo e organização popular.** Rio de Janeiro, 2010.

USINA. **Arquitetura, política e autogestão:** um comentário sobre os mutirões habitacionais. In Revista Urbania 3. São Paulo: Pressa, 2008. p. 49 – 60.

Bibliografia de reportagens

Centro de Mídia Independente Brasil
<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2008/07/424543.shtml>
Acesso em 16 de dezembro de 2009.

Comunidade Autônoma Utopia e Luta
<http://www.utopia-e-luta.blogspot.com>

Ministério das Cidades
<http://www.cidades.gov.br/noticias/predio-do-inss-no-rs-destinado-a-moradia/>

ANEXOS

Anexo A) Recortes de jornais referentes a ocupação e moradia do Utopia e Luta:

ZERO HORA > SÁBADO | 23 | MAIO | 2009

Capital Governo federal transformou prédio degradado do INSS na Borges de Medeiros em moradia para 42 famílias

Jornal Zero Hora
23 de maio de 2009

A recuperação de um símbolo do abandono

Jornal Correio do Povo
16 de agosto de 2009

HABITAÇÃO Manifestações serão mantidas durante o Fórum Social Sem-teto invadem prédio do INSS em Porto Alegre

Jornal Zero Hora
26 de janeiro de 2005

Modelo de vida comunitária

SAHRO SCHREIER
sahro@zerozero.com.br

Em meio às centenas de atividades que se realizaram durante o 5º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 2005, uma delas chamou a atenção pelo mistério: a invasão de um prédio público abandonado, na avenida Borges de Medeiros. Encravado na escadaria do viaduto Otávio Rocha, o local foi ocupado e, aos poucos, se tornou um marco para o Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNL). De lá para cá, a situação mudou e, com organização e disciplina, os cerca de cem moradores, distribuídos em 42 famílias, conseguiram criar o primeiro prédio público de interesse social do país.

"Atualmente, num conceito de reorganização fundiária urbana, em que se precisa discutir a flexibilização das políticas públicas e programas habitacionais administrados pela Caixa Econômica Federal", sustenta o coordenador do Movimento Utopia e Luta, Eduardo Solari. Atualmente, houve um desligamento do MNL "a fim de evitar a tutela ou instrumentalização".

Os processos são socializados desde a faxina, passando por alimentação e serviço de portaria. "Cada dia da semana, a retineta do bloco e a limpeza ficam a cargo dos moradores de um dos oito andares." Máquinas de lavar e secar industriais estão disponíveis. São 80 kg de roupa lavada ao dia, obedecendo a um critério de peso para cada apartamento. Velhas banheiras foram improvisadas como canteiros. Há no terraço hortaliças, ervas medicinais e até árvores frutíferas.

Máquinas de lavar e secar servem a todos os moradores do edifício, que fica no Centro

Prédio é 'uma pequena maravilha'

Ela era menina quando chegou de Bagé: há 40 anos. Hoje, Ana Margarida Pinto Silveira já tem três filhas. Trai no rosto a felicidade por ser uma das moradores do condomínio Utopia e Luta. "Quando vim para Porto Alegre, morei no Campo do Tucui, um lugar bom, sem tanta violência, mas a vida aqui é bem melhor." Vive da atividade de diarista e tem situação destacada nas ações do prédio. "Cheguei no momento da ocupação, e vi tudo se transformar, com muito trabalho e dedicação", destaca.

Para Ana e o marido, Valdir Dornelles, o local é considerado uma pequena maravilha. Ana entende que o prédio abre perspectivas para empreendimentos nessa modalidade. "As pessoas, no futuro, vão

se lembrar desse exemplo, construído pelo ideal e trabalho de muitos."

A falta etária dos moradores varia de 21 a 45. "Temos diferentes profissionais e estudantes de Sociologia e Serviço Social, que encontram um campo enorme para aprender com o processo de reorganização urbana", diz Eduardo Solari. Alinha que o centro de tudo é a formação humana, base para uma ação que pensa a cidade como um todo.

Coordenador Eduardo, com Nanci Araújo

Participação em projetos sociais e culturais é constante

O condomínio Utopia e Luta criou o Quilombo das Artes, que abriga teatro-ópera e conta com a cantora Nanci Araújo, que brilha "nos palcos do país há 25 anos". Há atividades do projeto pedagógico ligado à Bienal do Mercosul. "O artista francês Nicolas Flech foi buscar a essência do que a comunidade desejava e trouxe que a pintura da fachada do prédio é inspiração coletiva", diz a produtora da Fundação Bienal Porto Press. Coordena a ação que culminará com uma maquete do prédio, que será exposta a partir de 16 de outubro. As atividades artísticas no condomínio acontecem diariamente, entre 19h e 23h.

4 | O Parcial
Geral
Julho de 2009

Utopia e luta contra o capitalismo

realizada durante o Fórum Social Mundial, 42 famílias vão receber as chaves dos apartamentos do

Edifício Otávio Rocha.

A entrega está marcada para às 15h, na escadaria da avenida Borges de Medeiros, 727, com performances teatrais e musicais. Cerca de 70% dos novos moradores do Centro de Porto Alegre são mulheres de idades

26 Quinta-feira
14 de fevereiro de 2008
geral@jornaldocomercio.com.br
Jornal do Comércio
Porto Alegre

Prédio abandonado do INSS vira moradia

Imóvel será reformado com recursos da Caixa Econômica Federal para abrigar 42 famílias

começa a render alimentos. A ideia é fazer um corredor verde em todos os andares do prédio, que também conta com uma galeria de arte em suas escadarias. No térreo, há quadros zapatistas e nos demais andares murais temáticos, dedicados a Che Guevara e a Chico Mendes, às mulheres, aos jovens, à consciência negra, ao povo indígena e ao lixo reciclado. O prédio também terá creche, biblioteca, refeitório e lavanderia comunitária. O músico Eduardo Solari (na foto) explica que a proposta da comunidade autônoma Cooperativa Solidária Utopia e Luta é consolidar uma causa social, sugerindo um tipo de moradia que os próprios moradores podem administrar e sustentar.

O projeto Revitalização do Edifício Viaduto Rocha para Habitação de Interesse Social ocupa um prédio que era de propriedade do INSS e que depois de desocupado serviu de abrigo para vândalos e consumidores de drogas. Tem apoio público em nível federal (Ministério das Cidades), estadual (Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano) e municipal (vice-prefeito José Fortunati), com crédito solidário da Caixa Econômica Federal. O edifício foi reconstruído internamente e o orçamento gira em torno de R\$ 1 milhão. É o primeiro com estas características no País.

Artistas da classe popular, com roupas coloridas e

Projeto de

O prédio fica na avenida Borges de Medeiros, na região central de Porto Alegre
08 de março de 2009
Divulgação

Arte e moradia popular

Prédio público torna-se moradia e espaço para oficinas de teatro em Porto Alegre

am 1º prédio público de o País

Jornal do Comércio
24 de maio de 2009

Jornal
26 de j

NEM CENTRO NEM PERIFERIA

O CENTRO É DO POVO, A OUTRA FESTA!!!!

A Mensagem

Depois de um ano de sacrifícios como em todos os outros anos na vida do trabalhador oprimido, com vitórias e alegrias provenientes da luta no dia a dia, mas também com derrotas e lutos, provocados injustamente e que jamais serão perdoados, e que ainda reclamam por justiça.

A Comunidade Autônoma Utopia e Luta juntamente com demais associações e movimentos populares organizados, adere a comemoração das festas do tradicional fim de ano, num chamado de justiça e igualdade social para o futuro que já é nosso presente.

Refletir a justiça, a partir da realidade da necessidade humana, aderente na ordem natural da sobrevivência e da preservação da espécie, no território espacial do universo, com sustentabilidade e responsabilidade com a Natureza e seus filhos, é um dever que cabe a todos sem distinção. Nós tomamos o compromisso de cumprir nosso dever além dos "tantos porens", que nos impedem de pensar e agir adiante.

Por um 2010 de dignidade e justiça!!!

Boas Lutas!!!

Por um Mundo onde caibam todos os mundos!!!

Comunidade Autônoma Utopia e Luta e demais movimentos populares que realizam e apóiam esta Luta!!!

do Utopia e Luta

Anexo B) Fotos da fachada e dos andares do prédio

Fachada antes

Fachada depois

"Consciência Negra"

"A Juventude"

"O Homem Novo"

"Povos Indígenas"

"Mulher"

"Biodiversidade"

Anexo C) Cartazes e propagandas de algumas atividades organizadas pelo Utopia e Luta.

2º Seminário
 Utopia e Luta
REFORMA URBANA
 Um conceito a ser construído
 de 1º a 7
 Dezembro
 2008

01/12 - Tema: **EDUCAÇÃO**: Resistência Popular, Mov. Estudantil, Jorge Quillfeldt
02/12 - Tema: **MEIO AMBIENTE**: MNCR, Comunicarte Terra.
03/12 - Tema: **CULTURA**: Utopia e Luta, Paulo Flores.
04/12 - Tema: **SAÚDE**: Movimento estudantil, Ricardo Haesbaert.
05/12 - Tema: **TRABALHO**: MTD, Sindicatos.
06/12 - Tema: **REFORMA URBANA**: Indígenas, Quilombolas, MST, CMP, MNLM.
19h - Show **Trovas da Pátria Grande**.
07/12 - Encerramento.
19h - Show **Trovas da Pátria Grande**.

Espaço Cultural
Quilombo das Artes
 (Borges de Medeiros, 719
 escadaria)

De 1º a 5/12 - 18h30
 Dia 6/12 - 14h
 Dia 7/12 - 10h

3º SEMINÁRIO UTOPIA E LUTA

**REORGANIZAÇÃO
 DA
 LUTA URBANA
 A PARTIR DA
 PRÁTICA
 DA AUTONOMIA
 POPULAR**

10 de outubro/09
Horário: 8h ate a revolução
 Espaço Cultural Quilombo das Artes - Borges 719

1º de MAIO

Brecho, Feira de alimentação, Mostra de CDs Independentes, Artesanato, Exibição de Filmes, Recreação Infantil, Exposição Fotográfica, Oficinas de Geração de Renda, Técnica Vocal, Shows Musicais, Teatro, Serigrafia

Palestra: A Experiência Zapatista da Autonomia
 Resistência com Identidade, Tradição e
 Criatividade com Jorge Quillfeldt

Borges de Medeiros n. 731- Escadaria
 Porto Alegre- RS- Brasil
 Utopia e Luta - MNLM

Dia 1º de maio de 2008
das 9hs às 17hs

COMUNIDADE AUTONOMA
UTOPIA E LUTA

CINE DEBATE
A 4ª GUERRA MUNDIAL

QUANDO: 22 DE JULHO
QUINTA FEIRA
HORÁRIO: 18:30

QUILOMBO DAS ARTES
(ESCADARIA DA BORGES 719)

THE FOURTH WORLD WAR

It docum

1º de Maio

RESISTÊNCIA E REORGANIZAÇÃO POPULAR NO CAMPO E NA CIDADE

Luta

Dignidade

Autonomia

Poder Popular

Onde: Quilombo das Artes/Utopia e Luta

Meio Ambiente

Quando: 01º Maio/Sábado

Abertura: 9:00h

Atividades durante o dia:

- brechó
- capoeira
- Roda de discussão
- poesia
- Artesanato
- Shows musicais
- Distribuição de mudas nativas
- Teatro de rua
- mostra de filmes independentes

19h: Assembléia dos Movimentos Populares

Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela

Dia 28/08, SÁBADO, das 8:00 às 20:00

No Quilombo das Artes na Comunidade Autônoma Utopia e Luta (Escadaria Borges de Medeiros, 709)

ENTRADA GRATUITA

Uma conversa aberta sobre:

- * Os libertários da Atualidade
- * Introdução sobre as correntes do Anarquismo
- * Mulheres Rebeldes
- * Ação Antissexista

Boletim Nº 0 da Utopia e Luta

Comunidade Autônoma

UTOPIA E LUTA

Porto Alegre - Maio/2009

Uma Outra Luta É Possível

Janeiro de 2005, vésperas do FSM.

Maio de 2009, após 4 anos de luta.

Quando o planeta lança um SOS

Quando os paradigmas para a vida são soterrados pela barbárie, ameaçando o futuro com sua proposta consumista e globalizada

Quando o sistema capitalista aprofunda suas contradições, ficando na beirada do caos financeiro

Quando os idosos e as crianças abandonam as grandes cidades, contaminadas e corrompidas.

Quando a soma da solidariedade dá zero.

Quando a oligarquia sistêmica reacionária, senta-se na platéia para presenciar o ataque do fogo amigo contra a autonomia da autogestão popular.

Chegamos!

Salve Utopia e Luta.

Um lugar para viver: Prédio Utopia e Luta será inaugurado em maio de 2009 (pg 4 e 5)

A hora da verdade do Estado capitalista (pg 2)

Os rumos da Educação e da Saúde (pg 3)

Os catadores denunciam: pobres e excluídos estão pagando pela crise (pg 6)

A precarização e a privatização dos portos no estado e no país (pg 6)

A resistência dos Kaingang (pg 8)

Arte e o sonho se apresentam (pg 7)

O CENTRO É DO POVO

A OUTRA FESTA

Por um mundo onde caibam todos os mundos

SÁBADO 19/12/09

A PARTIR DAS 14H

ALTOS DO VIADUTO DA BORGES EM FRENTE AO PRÉDIO UTOPIA E LUTA

Realização

LEVANTA FAVELA, SINTETEL, CLUBE DE CULTURA, INTERSINDICAL, ORKPA DO IPE

Anexo D)

1. Dezembro de 2011

A Resistencia Continua - "JUSTIÇA" NÃO VEM NA TENTATIVA DE DESMOBILIZAR
SEGUIMOS VIGILANTES PARA QUALQUER MOMENTO ENFRENTAR A
(IN)JUSTIÇA

A Resistência Continua
Nenhum passo atrás.

Justiça se utiliza da desmobilização para cumprir a ordem de despejo, mas seguimos vigilantes no assentamento urbano Utopia e Luta, convocamos tod@s os

companheir@s a somarem-se a resistência contra o despejo e grilagem, como única garantia de vitória diante aos poderes do capital que vem assombrando nosso espaço de luta popular.

Justiça se utiliza da desmobilização para cumprir a ordem de despejo, mas seguimos vigilantes no assentamento urbano Utopia e Luta, convocamos tod@s os companheir@s a somarem-se a resistência contra o despejo e grilagem, como única garantia de vitória diante aos poderes do capital que vem assombrando nosso espaço de luta popular.

O assentamento urbano Utopia e Luta, é um território sínteses de Vitória, na infinidade de lutas de todos os homens e mulheres urbanas do Brasil, Em cada metro quadrado de sua construção alberga um histórico simbólico de resistências, muitas delas que custarem um preço muito alto e que a maioria das vezes é desconhecida para quem como nós chegamos num período de acúmulos em desenvolvimento. Pequenas vitórias de um povo submetido às injustiças que ainda persistem como ponto nevrálgico do domínio territorial genocida dos interesses desumanos do Capitalismo. A responsabilidade de tod@s @s que fazemos uso do território transforma-se Ética e Moralmente em um dever de respeito à luta histórica que não terá como fim um doc de pagamento num balcão de banco. Nem o título da propriedade privada, e muito menos a grilagem premeditada dos que se querem acomodar nas costas de tantos sacrifícios e lutas amparados nos inimigos de classe sempre prontos para dar o golpe contra as conquistas do povo. E neste caso em que a chamada justiça se coloca como patrula pronta para demolir a história através da autorização da grilagem em nosso território reforçamos a resistência irrestrita no comprimento do dever assumido diante a sociedade em luta do Brasil.

NO PASSARÁN!

2. quinta-feira, 16 de dezembro de 2010

SEGURANÇA PRA QUEM?

Comunicado Utopia e Luta

No dia de ontem 15/12/2010. 16hs: Após quase trinta minutos de vigia e cerco às redondezas da comunidade Utopia e Luta, nos altos do Viaduto da Borges, um operativo policial com motos e serviço de inteligência (Policial a paisana registrando a ação com filmadora), irrompem derrepente nas portas de nossa comunidade, assustando as crianças que ali brincavam e abordando aos companheiros que trabalhavam e ora tomavam chimarrão no local, obrigando-os a botar as mãos na cabeça para após serem revistados grosseiramente mediante solicitação de identificação (documentos oficiais, identidades), sempre em atitude intimidatória, criminalizante e com ares de superioridade hierárquica. Perguntados sobre a finalidade do procedimento, a resposta obtida dos policiais foi à seguinte: “Apenas um Cara Crachá de rotina”.

Após a intimidação pública, a reflexão sobre esta atitude nos faz indagar: O viaduto Otavio Rocha, com seus quatro passeios públicos, por que somente o acesso da comunidade Utopia e Luta tornou-se o alvo da ação policial. Estas ações repreensivas, também são “rotina” em bairros nobres e em outros condomínios em que seus ocupantes têm maior poder aquisitivo. As imagens captadas pelo efetivo policial não deveriam vir com algum pedido de uso legal da imagem às pessoas abordadas. Quanto o deboche do “Cara Crachá”, não estará o servidor público do estado invertendo papéis, pois funcionário do estado seria ele, que não mostrou identificação nenhuma.

Segundo os PM esse "camera mam" seria da RECORD....Onde estava a identificação?

No próximo governo essa será a postura da BM????

Basta de Repressão e criminalização a Luta Popular!

A OUTRA FESTA

UM ESPAÇO DE TEMPO E TERRITÓRIO LAPSOTESTEMUNHAL DE QUE OUTRO MUNDO É POSSÍVEL.

O olhar das gerações compartilhando as Utopias mais sensíveis, mais profundas, muitas delas no baú do impossível e da resignação, revivendo antigos e jovens sonhos na profundidade de suas consciências. A expressão coletiva mais pura, bem além do imposto, do ganancioso, em cada sorriso, em cada abraço, em cada mão puxando o som do tambor do berimbau do violão, movimentos harmônicos dos corpos qual borbolet@s desenhado no ar e na corroída pele da cidade suas alegrias, raivas e paixões. Afinando o grito de outros gritos que não ficaram na impunidade do silêncio. O presente e o futuro é nosso, é de quem tenha a coragem de enfrentar com seus sonhos os poderes inumanos do insano Capitalismo e as suas crias acomodadas. Para bens Human@s o futuro é hoje.

3. sexta-feira, 24 de dezembro de 2010

FELIZ NATAL???

O que temos que comemorar nesse natal?

Enquanto milhares de crianças morrem de fome mundo a fora, enquanto persistirem as guerras genocidas, a exploração do homem pelo homem, enquanto multidões de sem teto permanecerem nas ruas, até que os ditadores, torturados e assassinos dos povos estejam presos, não temos nada para comemorar.

Nesse natal onde o unico que comemora são os magnatas do mundo, não temos nada pra desejar, a não ser:

NOSSA RESISTÊNCIA, NOSSA LUTA, NOSSAS UTOPIAS, NOSSAS VIDAS NA BUSCA PERMANENTE DA REVOLUÇÃO SOCIAL.

UM COMPROMISSO DO MOVIMENTO

UTOPIA E LUTA

POIS O DIREITO DE VIVER NÃO SE MENDIGA, SE TOMA!

EM 2010 FOI UM ANO QUE APREDEMOS O VERDADEIRO VALOR DA SOLIDARIDADE DE CLASSE, DOS VERDADEIROS COMPANHEIROS DE LUTA E DO GRANDE DESAFIO QUE É ENFRENTAR OS PODEROSOS. POR ISSO NOS COMPROMETEMOS A MANTER - SE FIRMES NA TAREFA QUE NOS FOI CONFIADA, A DE ALIMENTAR AS UTOPIAS DE PODER POPULAR DIA A DIA, OMBRO A OMBRO, EM COLETIVIDADE, IR CONTRUINDO UM POVO FORTE. QUE VENHA 2011!

4. quinta-feira, 24 de fevereiro de 2011

A COPA PASSA POR AQUI...A RESISTÊNCIA TAMBÉM!

REUNIÃO DO COMITE POPULAR DA COPA -
REGIÃO CENTRO.

DIA 25/02 - SEXTA FEIRA AS 18:30

UTOPIA E LUTA

Escadaria da borges 719.

5. sábado, 26 de fevereiro de 2011

TODA REVOLTA E SOLIDARIEDADE À MASSA CRÍTICA

"NÃO FOI ACIDENTE"!

ATO DE PROTESTO EM DEFESA DA MASSA CRÍTICA E DO DIREITO À CIDADE.

DIA 1º DE MARÇOS - 18:30 - LARGO ZUMBI DOS PALMARES.

ATROPELAMENTO EM MASSA NA MASSA CRITICA
MOTORISTA ATROPELA DEZENAS DE CICLISTAS NA MASSA.

VIVER E NÃO TER A VERGONHA DE SER FELIZ...

Tributo à Gonzaguinha

20 anos sem o moleque.

Sarau no Quilombo da Artes.

Dia 29 de abril - sexta-feira

horário: 20 hs.

entrada franca. Com apresentações de diversos artistas, Entre eles: Paulo Gonçalves, Nanci Araújo, Guilherme Schroder, Eduardo Solari.

Espaço Cultural Quilombo das Artes

Av. Borges de medeiros 719

Centro-POA-RS

6. quarta-feira, 30 de março de 2011

ARTE NO TERRAÇO

BUENAS POVO.

NESTE DOMINGO APARTIR DAS 09HS ESTAREMOS REUNINDO GRAFFITEIROS, PIXADORES, ARTISTAS PLÁSTICOS E ATIVISTAS, PARA A REVITALIZAÇÃO DAS PAREDES DO TERRAÇO VERDE - REVOLUÇÃO DOS TOMATES.

A IDÉIA É GRAFFITAR AS PAREDES DO TERRAÇO COM A TEMÁTICA:

"UM MUNDO SEM FOME, NEM EXCLUSÃO TERRITORIAL"!

CONTAMOS COM OS SEGUINTE MATERIAS:

- * ESCADA QUE CHEGA A 06 METROS

- * TINTA BASE BRANCA

- * CORANTES PRIMARIOS

- * PESSOAS DISPOSTAS

CONTAMOS COM A PRESENÇA DE TOD@S OS/AS ATIVISTAS/MILITANTES.

PINTAR LUTAR, CRIAR PODER POPULAR!

7. sexta-feira, 17 de junho de 2011

MOVIMENTO UTOPIA E LUTA

Comunicado do Movimento Utopia e Luta

16/06/2011 - Inauguração do projeto Plantando Alternativas Gerando Sustentabilidade.

Utopia e Luta - Foram 6 anos de um processo profundamente complexo na continua batalha do dia a dia, numa experiência que valeu a pena e que a partir da prática de antigas Utopias, adquirimos conhecimentos concretos da distância que nos separa desse outro Mundo Possível. Aprendemos a lidar com a insensibilidade da burocracia, aprendemos a nos proteger e blindar dos interesses devastadores de alguns setores participantes da política institucional que só tem como fim a prática do poder pelo poder. aprendemos a resistir a dissociação forçada do sistema neoliberal globalizante e sua prática genocida. Em outras palavras adquirimos anticorpos fundamentais que nos permitiram chegar até o presente, orgulhosos de nossas bandeiras e nossos símbolos baseados na autonomia ética e responsável de um projeto que só tem como objetivo a recuperação dos valores da solidariedade e a autogestão, como sistema vital no caminho da dignidade, fator inclusivo inalienável diante a Imposição desumanizante de esta imposição sistêmica. Aprendemos a nos identificar na prática no fundamento conceitual de nosso eterno companheiro Che Guevara de endurecermos sem perder a ternura jamais. Construir para todos, sem exceção, assumindo o projeto coletivo como o máximo de nosso objetivo pessoal. Desestimulando qualquer intento de sobrepor interesses pessoais ou de outra índole por cima do direito social de classe. Amassar nosso pão, confeccionar nossas roupas, plantar nosso alimento, serigrafar a história, cantando e lavando nossas mesquindades, isso é Ternura. Antíteses da prática dissimulada dos agentes acomodados, mercenários, desconstruidores da organização autônoma. Hoje será um dia mais em nossa história, com a diferença que estamos em condições de poder demonstrar ao mundo imediato o fruto do esforço de uns poucos que acreditaram e acreditam na luta autônoma e na solidariedade, como acreditaram nossos parceiros peças fundamentais nesse processo de complexas conjunturas. Por último quero agradecer as poucas companheiras e companheiros que postergaram seus projetos pessoais em todos estes anos, acreditando neste projeto de vida. Fica no ar a pergunta diante toda a sociedade brasileira.

Utopia e Luta é um bem comum da luta social ou um território de especulação política e imobiliária???

Coordenação Mov Utopia e Luta

MRU

8. QUE O PROJETO QUE SONHAMOS, SEJA IGUAL AO QUE ESTAMOS CONSTRUINDO

INAUGURAÇÃO DA 1ª HORTA HIDROPÔNICA EM TERRAÇO URBANO DO MUNDO.

Também serão inaugurados à tarde os Núcleos de Padaria, Corte e Costura, Serigrafia e Lavanderia Comunitária. O Núcleo de Horta Hidropônica é uma inovação, por ser a primeira em terraço urbano a ser desenvolvida no Brasil, com capacidade de produção de hortaliças, frutas, ervas medicinais e temperos, em larga escala. Através do Projeto Plantando Alternativas, Gerando Sustentabilidade, patrocinado pelo Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, a COOPSUL (Cooperativa Mista e Solidária Utopia e Luta) visa implementar núcleos de capacitação para o trabalho e geração de renda dentro dos espaços coletivos no prédio da comunidade. Um sonho do Movimento Utopia e Luta que agora se estrutura e se desenvolve a fim de manter viva a chama da autogestão e sustentabilidade real, das pessoas e comunidades envolvidas neste projeto.

Na síntese, serão criadas condições para a produção de seus próprios alimentos, vestuário, artes, educação, lazer, ou seja: dignidade. Isso fortalecerá integralmente aqueles que ali vivem na resistência e sobrevivência diante os eventos futuros de exclusão econômica e exílio territorial previstos na planificação das cidades nos próximos anos. O Assentamento Urbano Utopia e Luta é um território popular resultante de uma ação promovida pelos movimentos sociais do Fórum Social Mundial de 2005 em Porto Alegre. É uma vitória que representa um símbolo da autonomia e da autodeterminação popular.

9.Na noite de ontem, sexta feira dia 08 de julho centenas de pessoas, coletivos, saíram as ruas para dizer NÃO Á OPRESSÃO! Eram 19hs e as pessoas começaram a surgir

de cima e de baixo da escadaria da borges, e no frio do inverno tambores começavam a ensaiar as batidas da noite. Bandeiras negras e vermelhas, mulheres e homens, crianças todos lutando contra as formas de preconceito e intolerância. Com gritos de NAO PASSARÃO! A marcha tomou a av. borges de medeiros mais de 500 pessoas ocupando a avenida sem tomar conhecimento de mais nada, apenas a convicção do direito universal de manifestar-se. Caminhamos pelas ruas do centro de Porto Alegre com a digna resposta a qualquer grupo neonazistas, fascistas, machistas, racistas que tente levantar a bandeira do odio e do preconceito. Nossa resposta se dara nas ruas em redes com autonomia e resistencia.MARCHAMOS PELA VIDA, PELA DIVERSIDADE, POR JUSTIÇA SOCIAL, POR AUTONOMIA EM DEFESA DO LARGO ZUMBI COMO ESPAÇO DE RESISTENCIA CULTURAL E CONTRA AS AMEAÇAS DE MORTE PRATICADA PELO ESTADO.

10.A comunidade autônoma Utopia e Luta, localizada na escadaria da Borges de Medeiros têm sofrido na última semana ameaças e ataques de grupos neonazistas, que atuam livremente na cidade de Porto Alegre, espalhando o ódio, o preconceito e a violência característicos desse tipo de "ideologia".O que aconteceu: a fachada do prédio da comunidade foi pichada com suásticas e simbolos nazistas, simbolos de alvos como se estivessem mirando o edifício e dizeres como "SKINHEAD PRIDE" (Orgulho Skinhead), foi encontrada uma foto do grupo nazista "esfaqueando" a bandeira do Utopia e Luta e também há muitos comentários no blog do Utopia e Luta com ameaças violentas. O Utopia e Luta é uma ocupação do antigo prédio do INSS, abandonado há anos, localizado no coração do centro da cidade, e que se propõe a construir uma forma diferente de sociedade, de organização e de vida para quem mora nesta comunidade, que busca uma autogestão e uma independência do sistema capitalista à sua maneira, construindo hortas, lavanderias comunitárias, um local de costura, de uso por todos os moradores, e também acesso á moradias dignas populares, com preço reduzido para os que não possuem condições financeiras de pagar um aluguel possam ter um lugar para morar e a sua independência. O Utopia e Luta também está sempre abrindo as portas de seus espaços para que ocorram oficinas de teatro, encontros de movimentos sociais, debates sobre os mais variados temas da sociedade, festas temáticas, brechós, almoços, todas, todas as atividades gratuitas. Nos ultimos meses, foi aprovado um projeto do Utopia e Luta que consiste em oficinas gratuitas de Serigrafia, Corte e Costura, Horta Hidropônica, Padaria e Lavanderia, que visa a geração de renda para as pessoas, oportunidade de trabalho, formação de redes comunitárias e sustentabilidade. É contra isso que esses grupos Neonazistas estão se levantando? Porque tanto ódio? Existe uma força contrária muito grande para aqueles que se propõem a mudar o sistema, mesmo que da sua maneira, no seu espaço. E esses grupos não se posicionam apenas contra comunidades autônomas que querem mudar o mundo, se posicionam contra gays e lésbicas, negras e negros, judias e judeus, pobres, moradores de rua e se posicionam muitas vezes com violência, e isso a mídia tradicional raramente divulga um caso que outro e a gente segue vivendo como se tudo estivesse bem, até quando percebemos, a violência está sendo lançada diretamente para nós! Porque nós somos a maioria e esses grupos agem a favor das minorias. Por isso, a favor de nós mesmos, da nossa segurança e liberdade, e dos nossos amigos, familiares e companheiros vamos nos manifestar SEXTA FEIRA, DIA 8

DE JULHO ÀS 19:00 na escadaria da Borges, em frente ao Utopia e Luta (nº 731). Se faz necessária a presença de todos nesse momento, que embora a mídia não tenha interesse em divulgar a gravidade dos fatos, a situação se encontra no limite e somente com uma grande mobilização poderemos agir de uma maneira eficaz que acabe de uma vez por todas com essas ações lamentáveis de falta de respeito e humanidade para cima de quem luta para ter o direito de viver a sua vida à sua maneira.
TODOS LÁ!

11. quinta-feira, 30 de junho de 2011

CONTRA A INTOLERÂNCIA, TODA NOSSA INDIGNAÇÃO

Nesta semana, não só a Comunidade UTOPIA E LUTA foi agredida, mas toda população do centro da cidade, todas as comunidades, movimentos, cidadãos que acreditam na diversidade e lutam contra a violência racista e intolerante que esses grupos agitam. Em todas partes do mundo milhares de pessoas cansadas das violências geradas pela irresponsabilidade neoliberal e a corja de políticos corruptos, denominados de INDIGNOS. Os levantes realizados nos quatro cantos do mundo veem sendo chamados de os [INDIGNAD@S](#). Cansamos de pagar a conta das elites, que por anos massacram a grande maioria da população, que apontam um destino de miséria aos milhões de trabalhadores e trabalhadoras nas periferias do mundo (PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR...) já alertava o rap. Uma política genocida aos jovens negros, pobres. Multidões se levantam contra a corrupção, produto vital para o sistema capitalista, insurreições derrubam ditadores, as ruas tomadas com o grito de BASTA! Tirem as mãos de nossa natureza, de nossa PACHA MAMA, de nossos rios e montanhas, projetos como Belo Monte e as 05 Usinas hidroelétricas na Patagonia Chilena, demonstram a sede de destruição do império totalitário e global.

Grupos nazifascistas põem suas mangas pra fora na sombra da permissão irresponsável do estado e seus sistemas judiciários que permitem e financiam grupos paramilitares e esquadrões da morte, como no Pará brasileiro, assassinando lutadores do povo, defensores da vida à luz do dia. Na Espanha, na Grécia, no Egito, na Argentina, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, as vozes contra o fascismo tem um mesmo tom. NO PASSARAN!!! A solidariedade internacional se une contra a volta dos estados de violência sistemática, contra governos totalitários, contra o imperialismo do capital.

CONTRA OS INDIGNOS, NOSSA INDIGNAÇÃO

Anexo E) Imagens do prédio Utopia e Luta

Anexo E) Eventos organizados pelo Utopia e Luta

TODOS CONTRA A OPRESSÃO
manifestação contra o racismo
o nazifascismo
e toda forma de discriminação

Concentração na Escadaria da Borges
em frente ao Utopia e Luta às 19:00
sexta feira, dia 8 de julho

contra as ações dos grupos
de extrema direita na cidade!
Nenhuma agressão sem resposta!

Chamam:
Utopia e Luta
Mocho Negro
Resistência Popular

Fórum de Luta Quilombola Negro e Popular
Inglá - Mulheres Rebeldes
Associação do Centro
Movimento Anarcopunk

18.MAIO CINEMA "o GRANDE TAMBOR"
Sala Roldenção UFRGS - debate após o filme
Quarta - 21h

FEIRA Biodiversidade
19.MAIO Largo Glênio Peres
Quinta - TODO DIA: Mercado Público
bancas com exposição de trabalhos de coletivos
e movimentos, rádio, oficinas, teatro, capoeira...

FESTA de
ConFRaternização !!!
Gaspão do Parque da Harmonia
21.MAIO
Sábado - 22h

22.MAIO - DIA INTERNACIONAL da BIODIVERSIDADE
19 de Maio 2011 **5º DIA da Biodiversidade**
Programação + informações
www.biofestadabiodiversidade.wordpress.com

CAMBADA DE TEATRO EM AÇÃO
DIRETA LEVANTA FAVELA

CONVIDA:

3º CARACOL LIBERTÁRIO *Rompendo o Cerco*

**POR UMA COPA QUE RESPEITE OS DIREITOS
 DOS TRABALHADORES E DOS POVOS**

LOGO DA COPA 2014

Comitê Popular da Copa 2014 - região Centro
<http://comitedocentropoa.blogspot.com>

Cine Escadaria

Apresenta:

QUASE DOIS IRMÃOS

Apresentação do filme de Lúcia Murat que retrata os conflitos de presos comuns e políticos nos anos 70

Dia: 17/12 as 20:00 hs
 na escadaria da Borges, lado verão
 PORTO ALEGRE \BRASIL

Propor, não impor
Convencer, não vencer

**OFICINA
 ZAPATISTA
 DE
 METODOLOGIA DE**

CONSENSO

Apresentação e Facilitação
 Jorge Quillfeldt

sábado, dia 03/09
 a partir das 13h00 (toda a tarde)
Quilombo das Artes
 Comunidade Autônoma Utopia & Luta
 Escadaria da Borges 719
 (vagas limitadas)

Apoio

ENCONTRO ABERTO DA DEMOCRACIA DIRETA E NÃO-VIOLENCIA

O evento pretende gerar uma grande mobilização popular pela construção da Democracia Direta como um dos meios para des-concentração do poder político e econômico do Estado e do grande capital.

**BATE PAPO
VÍDEOS
AÇÕES**

PARTICIPE!

SÁBADO DIA 23.07 DAS 15H AS 17H,

Local: Quilombo das Artes. Av. Borges de Medeiros, 719 - Escadarias Centro

Org: Partido Humanista do Brasil - Movimento Humanista. APOIO: Movimento Autônomo Utopia e Luta

Associação dos Moradores da Chácara do Banco

CONVIDA TODOS PARA PARTICIPAR DO GALETO DA ASSOCIAÇÃO

dia 03/07/2011(DOMINGO)

A partir do MEIO DIA

½ galeto, arroz, saladas por R\$10,00 reais (valor único)

No Loteamento Chácara do Banco/Restinga na travessa F. nº 20.

COM DIVERSAS ATIVIDADES DURANTE O DIA!

PROGRAMAÇÃO:

12H as 14H Galeto as 14:00 Intervenção "PACHA MAMA"

Oficina de Teatro em Ação Direta Levanta Favela as 15H Maicon Jackson (cover mirim)

as 16H "Árvore em Fogo" Cambada de teatro em Ação Direta Levanta Favela...

17:30H Banda Viro Fissura e ainda: Restinga CREW dança de Repp Grupo Gangster

APOIO: CAMBADA DE TEATRO EM AÇÃO DIRETA LEVANTA FAVELA...

CONTATOS: 98725497 Nene 91145139 Kacau

FOTO ACASALHA

05, 06 e 07 de AGOSTO...

HOMENS DE INTELIGÊNCIA TIVEM ACHADOS LADO VERDE...

ESPAÇO "QUILOMBO DAS ARTES"

10% ADASALHAS E 90% OPA A SORTEIOS MISTOS EXPORTAM!

APOIO: MOVIMENTO AUTÔNOMO UTOPIA E LUTA

COOPSUL Cooperativa Mista e Solidária Utopia e Luta

Convida para Inauguração do Projeto:

Plantando Alternativas Gerando Sustentabilidade

Desde a altura dos nossos sonhos até a esta aguçada trincheira de luta, temos a honra de convidar a todos os setores da sociedade para apresentar o Projeto Plantando Alternativas, Gerando Sustentabilidade, uma parceria da Coopsul - Utopia e Luta com o Programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania na implementação de núcleos de capacitação para o trabalho e geração de renda dentro dos espaços coletivos da comunidade, uma proposta do Movimento Utopia e Luta que se reestrutura e mantém viva a chama da autogestão e da solidariedade.

INAUGURAÇÃO DOS NÚCLEOS

Dia: 16 de junho de 2011

Local: **Assentamento Urbano Utopia e Luta**

Av. Borges de Medeiros, 731, Centro Histórico, Porto Alegre RS

Cronograma:

Manhã

9:00 - Oficina sobre Horta Hidropônica

10:00 - Inauguração da HORTA HIDROPONICA no terraço da comunidade.

Tarde

14:00 - Oficina do núcleo Corte e Costura

15:00 - Inauguração do núcleo CORTE E COSTURA

16:00 - Inauguração da LAVANDERIA COMUNITÁRIA

16:30 - Inauguração do núcleo SERIGRAFIA

17:00 - Inauguração do núcleo PADARIA com degustação dos produtos produzidos pelo curso profissionalizante

Noite

18:00 - SARAU CULTURAL com a apresentação de EDUARDO SOLARI na produção: NÃO DA PARA ESQUECER, em memória aos companheiros presos e desaparecidos durante a ditadura militar.

* Após apresentação cultural dos artistas da comunidade e convidados.

POR UM MUNDO SEM FOME, NEM EXCLUSÃO TERRITORIAL!

REALIZAÇÃO: COOPSUL, UTOPIA E LUTA

PATROCÍNIO: PETROBRAS DESENVOLVIMENTO & CIDADANIA, PETROBRAS, BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**Plantando alternativas
Gerando Sustentabilidade**

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL, OFICINAS
MULTIPLICAÇÃO DE SABERES EM:

**INSCRIÇÕES
ABERTAS!**

- GERAÇÃO DE RENDA
- OPORTUNIDADE DE TRABALHO
- FORMAÇÃO DE REDES COMUNITÁRIAS
- SUSTENTABILIDADE

TODOS OS CURSOS GRATUITOS*

PADARIA

**HORTA
HIDROPÔNICA**

SERIGRAFIA

**CORTE
COSTURA**

LAVANDERIA

INSCRIÇÕES: P1 FONE: 3211 2262 OU EMAIL: COOPERS@GMAIL.COM.BR
OU NO LOCAL: AV. BORGES DE MEDEIROS, 751 ESCADARIA, PORTAL

INÍCIO: MAIO 2011

A OUTRA FESTA II

18/12/2010 SÁBADO - ESCADARIA - BORGES
CENTRO / PORTO ALEGRE / BRASIL
A PARTIR DAS 14hS

**ATIVIDADES CULTURAIS: TEATRO FEIRA DE TROCAS ECONOMIA
SOLIDÁRIA AMOSTRA DE FILMES DOCUMENTÁRIOS DANÇA
CAPOEIRA BATUCADA MÚSICA ARTESANATO DIVERSIDADE**

DIA 18/12 LANÇAMENTO DO COMITÊ POPULAR DA COPAREGIÃO CENTRO ÀS 9Hs DA MANHÃ

Samba
NO PÉ

Intensivo de Samba
com a bailarina e danstta:
Daiane Sell Dias:
1 e 2 de março / 2011
horário : 20 as 21:30
Local:
Quilombo das Artes, Utopia e Luta
inscrições e informações:
3211 2248, 96490081

MUTIRÃO DOS TOMATES

2011

PONTOS DE CONVERSA

- *APRESENTAÇÃO ● ● ●
- PLANEJAMENTO ● PARA
- ESPAÇO ●
- *ORGANIZAÇÃO E LIMPEZA

* RODA DE CHIMARRÃO

* E MÃO NA TERRA

SÁBADO 26/02
09hs:30m

TERRAÇO VERDE , BORGES 719, ESCADARIA
UTOPIA E LUTA

Da Revolução dos Tomates à Hidroponia Urbana

Um modelo de Reorganização Urbana alternativo ao colapso das cidades ?

promoção
Chimarrão Consciência
DAIB

Quarta-feira, 15jun2011
17h30
Auditório da Botânica
UFRGS - Campus do Vale
Av. Bento 9500, prédio 43.432

apoio

Promoção:

Apoio

O VENENO ESTÁ NA MESA

UM FILME DE SILVIO TENDLER

Exibição do filme & debate

Quinta 25/8, 19h30 - Quilombo das Artes
Escadaria da Borges de Medeiros 719

Convidado:

Prof. Paulo Brack, IB / UFRGS